

Nazaré Nunes Barbosa Cesa

**A preposição *até* como elemento integrador de eventos: uma
abordagem cognitiva**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Heronides M.M.
Moura

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cesa, Nazaré Nunes Barbosa

A preposição ATÉ como elemento integrador de eventos: :
uma abordagem cognitiva / Nazaré Nunes Barbosa Cesa ;
orientador, Heronides Maurílio de Melo Moura -
Florianópolis, SC, 2013.
116 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Tipologia linguística. 3. Línguas de
frame no verbo. 4. Línguas de frame no satélite. 5. A
preposição ATÉ. I. Moura, Heronides Maurílio de Melo. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

Nazaré Nunes Barbosa Cesa

A PREPOSIÇÃO *ATÉ* COMO ELEMENTO INTEGRADOR DE EVENTOS: UMA ABORDAGEM COGNITIVA

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 29 de Maio de 2013

Prof. Heronides Maurilio de Melo Moura, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Heronides Maurilio de Melo Moura, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Bento Dias da Silva, Dr.
Universidade Estadual Paulista

Prof.^a Edair Maria Gorski, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Tarcísio de Arantes Leite, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho ao meu esposo,
Gringo e ao meu filho, Gabriel.
Queridos, voltei!

AGRADECIMENTOS

Cabe aqui um agradecimento a todos que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento deste trabalho, que é, na verdade, a realização de um sonho.

A Deus, por ter sido o meu grande Mestre desde que passei a ter discernimento sobre as coisas.

De modo especial, ao professor Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, que [corajosamente] me acolheu e me incentivou a dar o passo inicial e me guiou no caminho que me fez chegar até aqui.

Agradeço imensamente à professora Edair Gorski e ao Professor Tarcísio Leite [tão mocinho ainda, e já tão sábio], pelas sugestões preciosas na banca de qualificação. Talvez vocês já se deem conta, mas preciso dizer... O olhar e o sorriso acolhedores de vocês durante a banca de qualificação são um alento num momento de aflição.

Ao meu marido e ao meu filho que pacientemente souberam compreender quando, ainda que presente, precisei ficar distante. Gabriel, querido, o teu suporte em casa, quando eu precisava me ausentar foi de grande ajuda. Serei eternamente grata a ti, meu filho. Amo muito vocês dois!

Muito obrigada!

No princípio, era o verbo. Depois, veio o sujeito e os outros predicados; os objetos, os adjuntos, os complementos, os agentes, essas coisas. E DEUS ficou contente. Era a primeira oração.

(Eno Teodoro Wanke S/D)

RESUMO

Esta é uma proposta de análise para o uso da palavra *até* no Português do Brasil (PB), a partir dos preceitos teóricos desenvolvidos pela Linguística Cognitiva. Para isso, partiu-se da proposta de Leonard Talmy, segundo a qual as línguas organizam-se em duas categorias tipológicas distintas, de acordo com a forma na qual expressam a informação principal de um macro-evento, se no verbo ou num satélite para o verbo. No primeiro grupo se enquadram as línguas românicas chamadas línguas verb-framed e no segundo, as línguas germânicas chamadas línguas satellite-framed. Os exemplos analisados neste trabalho levaram-nos a considerar que, em alguns de seus empregos, o *até* funciona como um satélite para o verbo especificando-lhe o sentido e, com isso, o português uma língua verb-framed assume o padrão tipológico Satellite-framed.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologia linguística. Línguas *Verb-framed*. Línguas *Satellite-framed*.

ABSTRACT

This is an analysis proposal for the use of the word *até* in Brazilian Portuguese according to cognitive linguistics. It is based on Leonard Talmy's studies, according to which languages are organized in two distinct typological categories, depending on the way they express the main information of a macro-event, either in the verb or in a satellite to the verb. In the first group are the Romanic languages so called verb-framed languages and, in the second one, the German languages the so called the satellite-framed languages. The examples analyzed in this dissertation led us to consider that the preposition *até* works as a satellite to the verb, clarifying its meaning and, this way, Portuguese a verb-framed language exhibits the satellite-framed typological pattern.

KEY-WORDS: Linguistics typology. Verb-Frame Languages. Satellite-Framed languages.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE- Co-evento
EF- Evento de Frame
EP- Evento Principal
ES- Evento Subordinado
GT- Gramática Tradicional
LC- Linguística Cognitiva
RC- Relação de Coordenação
RS- Relação de Subordinação
SF- Satellite-Framed
SN- Sintagma Nominal
VF- Verb-Framed

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 A LINGÜÍSTICA COGNITIVA	23
2.1 CATEGORIAS TIPOLÓGICAS	26
2.2 O SATÉLITE	29
2.3 MACRO-EVENTOS – UNIDADES DE INFORMAÇÕES COMPLEXAS	33
2.3.1 O evento	33
2.3.2 Eventos complexos	34
2.3.3 Caracterizando o Macro-evento	35
2.3.4 O mapeamento sintático do Macro-evento – línguas de frame no verbo e línguas de frame no satélite	38
2.4 A CONSTRUÇÃO DO CO-EVENTO NAS LÍNGUAS DE FRAME NO VERBO	41
2.5 O <i>ATÉ</i> NA CONSTITUIÇÃO DE UM EVENTO COMO UM FRAME COMPLETO	44
2.6 A TIPOLOGIA GENERALIZADA	45
2.6.1 O evento de Movimento como evento de frame	47
2.6.2 O evento de Mudança de estado como evento de frame	48
2.6.3 O evento de Realização como evento de frame	51
2.7 O PORTUGUÊS COMO UMA LÍNGUA SATELLITE- FRAMED	53
3 O ATÉ - ASPECTOS GERAIS	57
3.1 OS ESTUDOS GRAMATICAIS	57
3.1.1 A visão diacrônica	58
3.1.2 A visão sincrônica	63
3.2 ESTUDOS DESCRITIVOS SOBRE AS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS	68
4 ANÁLISE DOS DADOS	77
4.1 METODOLOGIA	77
4.2 A PREPOSIÇÃO <i>ATÉ</i> COMO ELEMENTO INTEGRADOR DE EVENTOS	82
4.2.1 O <i>até</i> na construção de macro-eventos de Mudança de estado.....	82
4.2.2 O <i>até</i> na construção de macro-eventos de Realização	100
4.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS	105
5 CONSIDERAÇÕES	109
REFERÊNCIAS	113
ANEXO A	117

1 INTRODUÇÃO

Limite de tempo, espaço, número ou palavra denotativa de inclusão. Esses são os termos com os quais a Gramática Tradicional (GT) normalmente classifica a palavra *até*. No entanto, ao se analisar diferentes contextos em que essa palavra aparece, notamos o quanto são variadas as funções que ela desempenha. Assim, no presente estudo, propõe-se a descrever o comportamento linguístico-cognitivo de alguns empregos da palavra *até*.

Talmy (2000b) afirma que as línguas dividem-se em relação à lexicalização de determinadas partes conceituais dos chamados macro-eventos. Um macro evento é resultado da *integração conceptual* de um evento complexo em um evento unitário que, em algumas línguas, pode ser sintaticamente expresso por uma única oração. Assim, são dois eventos: um principal e um subordinado, incorporados numa mesma oração.

Dessa forma, o autor estabelece duas categorias tipológicas de acordo com a forma em que essas línguas expressam a informação principal do macro-evento – ou por meio de um verbo, como acontece com as línguas românicas, classificadas como *verb-framed*¹, ou num satélite, como ocorre com as línguas germânicas, classificadas como *satellite-Framed*².

De acordo com essa classificação, o português, sendo uma língua românica, enquadra-se no padrão tipológico *Verb-framed*. No entanto, alguns exemplos do português levaram-me a considerar o item *até* como um *Satélite* que, segundo a proposta do autor, é capaz de expressar a informação principal de eventos de MUDANÇA DE ESTADO e de eventos de REALIZAÇÃO.

Para isso, entretanto, um *satélite* tem que, necessariamente, fazer a integração entre dois eventos, um principal e um subordinado. Assim em: *O ladrão sufocou a vítima até a morte*, o *até* integra dois eventos, um evento subordinado, que expressa a causa da ação (o sufocamento) e o outro, um evento principal, que leva à morte e expressa o *resultado* da

¹ Para *verb-framed languages* proponho a tradução *línguas de frame no verbo*, visto que a informação principal (o frame) é fornecida pelo verbo.

² Para *satellite-framed languages* proponho a tradução *línguas de frame no satélite*, visto que a informação principal (o frame) é fornecida em um satélite.

ação. A ambos, o autor denominou *co-event* e *framing-event*, respectivamente.

Dadas as considerações acima, a minha hipótese de trabalho, então, aponta para o fato de que *a palavra até, em alguns casos, funciona como um satélite do verbo especificando-lhe o sentido*. Com o intuito de comprovar essa hipótese, posso fixar os seguintes objetivos:

1. GERAL:

Propor uma descrição gramatical da palavra *até*, com base numa teoria da linguística cognitiva, a partir das ocorrências do corpus analisado.

2. ESPECÍFICOS:

1. Descrever a categoria gramatical do item *até* de acordo com as gramáticas normativas e históricas, bem como de acordo com alguns estudos linguísticos;

2. Examinar um corpus de linguagem-no-uso, em português, que o caracterize tanto como língua *verb-framed* quanto como *satellite-framed*, de acordo com a teoria em questão;

3. Demonstrar que o *até* colabora na determinação do frame que especifica o verbo.

Para a realização da pesquisa, o *corpus* foi extraído da internet. Adotou-se este tipo de corpus visto que as pesquisas cognitivas baseiam-se, sempre que possível, em situações reais de uso da língua nos contextos interacionais, pois é só assim que, segundo Langacker (1991), os corpora são produzidos por falantes-ouvintes reais, inseridos em interações sociais e culturalmente validadas, sujeitos a regras sociais, a protocolos culturais, a características grupais que ora os diferenciam, ora os aproximam uns dos outros (usage-based model segundo LANGACKER, 1991 *apud* CHIAVEGATTO, 2009, p. 77).

A dissertação está organizada em três capítulos, conforme descrito a seguir:

No capítulo I, apresento o aporte teórico que embasa a pesquisa. Nele se encontra uma descrição sobre a Linguística Cognitiva, mais precisamente sobre as categorias tipológicas estabelecidas por Leonard Talmy, com as quais a presente dissertação dialoga. No capítulo II, apresento uma revisão bibliográfica sobre as preposições com o objetivo de verificar qual é o tratamento dado a essa categoria gramatical, de acordo com diferentes visões teóricas. Para tanto, parte-se do geral, o estudo das preposições, para o particular, estudo da palavra *até*.

No capítulo III, apresento a análise propriamente dita, na qual pretendo comprovar a hipótese de trabalho, bem como a discussão da

análise dos dados. Por fim, serão tecidas as considerações finais da pesquisa e, na sequência, apresentadas as referências bibliográficas utilizadas.

Assim, após empreender a consecução desta pesquisa, espero, ao final da mesma, ter contribuído um pouco mais com os trabalhos desenvolvidos nas áreas de estudo da linguagem. No entanto, desde já, saliento a consciência quanto ao caráter incipiente dessa análise e das questões que, apesar da dedicação, ainda permanecerão em aberto à espera de novos esforços daqueles que, por ventura, se interessarem pelo assunto abordado neste trabalho.

2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Surgida nos finais da década de 1970 e princípios da década de 80, a Linguística Cognitiva (LC), por trazer em seu bojo a negação da autonomia da linguagem, opõe-se aos dois paradigmas linguísticos vigentes na época, o estruturalismo e o gerativismo.

Em seu foco principal, que é estudar a língua em uso, a LC parte do princípio de que a linguagem não é uma faculdade autônoma, mas que se relaciona com outras faculdades humanas, uma vez que os processos que governam a língua em uso, em especial a construção e a comunicação do significado são, em princípio, os mesmos empregados em outras habilidades cognitivas, isto é, segundo Croft e Cruse (2004, p. 02, tradução minha)³:

[...] a organização e recuperação do conhecimento linguístico não é significativamente diferente da organização e recuperação de outros conhecimentos na mente, e as habilidades cognitivas que aplicamos para falar e compreender a língua não são significativamente diferentes daquelas aplicadas a outras tarefas cognitivas, tais como percepção visual, raciocínio ou atividade motora.

Esse relacionamento entre a linguagem e outras faculdades humanas se dá dentro de princípios mais gerais vinculados ao modo como conhecemos o mundo e vivemos nele. Com isso, esse novo paradigma teórico se contrapõe à divisão clássica mente-corpo, uma vez que entende a linguagem como “corporificada”, o que significa dizer que “nossa percepção de realidade é construída pelo formato do nosso corpo, pela maneira como ele se movimenta, pelo jeito como nossos sentidos percebem a realidade à nossa volta, pela forma como interagimos com o mundo, seus seres e objetos”. (SUÁREZ, 2010, p. 29).

³ [...] the organization and retrieval of linguistic knowledge is not significantly different from the organization and retrieval of other knowledge in the mind, and the cognitive abilities that we apply to speaking and understanding language are not significantly different from those applied to other cognitive tasks, such as visual perception, reasoning or motor activity.

Com essa postura, a linguística cognitiva se opõe às ideias do empreendimento gerativo da modularidade da mente, da separação entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, e à geração de sentenças por regras lógicas.

Talmy (2000b), em sua obra *Towards Cognitive Semantics*, define a Linguística Cognitiva como uma abordagem conceitual da linguagem. Segundo ele, existem três sistemas de abordagem na análise da linguagem: a formal, a psicológica e a conceitual.

De acordo com essa distinção, a abordagem formal caracteriza-se pelo estudo dos padrões estruturais das formas linguísticas, considerando a língua como um sistema autônomo abstraído de qualquer significado associado. Sendo assim, a preocupação central dessa abordagem volta-se para o estudo das estruturas lexicais, sintáticas e morfológicas da língua.

A segunda abordagem, a psicológica, analisa a língua por meio do sistema cognitivo, isto é, a linguagem é analisada sob a perspectiva da percepção, da memória e do raciocínio. Nesse tipo de abordagem, as investigações recaem sobre a análise da memória semântica, o estudo da categorização, a inferência e o conhecimento contextual.

Assim, essa abordagem tem investigado a linguagem, tanto em suas propriedades formais quanto conceituais. Mas apesar disso, segundo Talmy (2000b), esses estudos têm se mostrado insuficientes no trato com o sistema integrado global das estruturas esquemáticas, com as quais a língua organiza o seu conteúdo conceitual. Esse é o objetivo primordial da abordagem descrita abaixo.

A abordagem conceitual, por sua vez, estuda a forma como a linguagem organiza o conteúdo conceitual. Assim, categorias conceituais básicas como aquelas de tempo e espaço, cenas e eventos, entidades e processos, movimento e localização, força e causa, entre outras, formam o foco de interesse dessa abordagem.

É uma abordagem que investiga a língua a partir de uma perspectiva conceitual. Dessa forma, a língua não é vista como um sistema autônomo e suas estruturas gramaticais são vistas como representantes da estrutura conceitual. Para Talmy (2000b, p. 03), o objetivo da abordagem conceitual é integrar as perspectivas da linguística e da psicologia sobre a organização da cognição num entendimento único da estrutura conceitual humana.

Baseando-se em Croft e Cruse (2004, p. 02), aponta-se abaixo os pressupostos básicos sob os quais a Linguística Cognitiva, de modo geral, se desenvolve:

a. A linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma.

Esse pressuposto já foi mencionado e explicitado acima, no entanto, é válido ressaltar que esta posição adotada pela linguística cognitiva é vista, algumas vezes, como uma negação da capacidade inata do ser humano para a linguagem. O que não é o caso; “é somente a negação de uma capacidade humana inata e autônoma com fins específicos para a linguagem ⁴”.

b. A estrutura gramatical de uma língua reflete diferentes processos de conceitualização.

Tal pressuposto é baseado no slogan de Langacker (1987) que postula a gramática como conceitualização. Segundo esse slogan, a gramática de uma língua é reflexo de distintos processos de conceitualização, uma vez que até mesmo os padrões de combinações das diversas estruturas de uma língua resultam de processos que ocorrem no nível do sistema conceitual humano, assim, a estrutura conceitual não pode ser reduzida a uma simples correspondência com o mundo, como propõe a semântica baseada em condições de verdade.

c. O conhecimento da linguagem emerge do uso da linguagem.

Segundo este pressuposto, o conhecimento linguístico emerge e se estrutura nos contextos comunicativos. Isto significa que as categorias e estruturas na semântica, sintaxe, morfologia e fonologia se constroem a partir da nossa percepção das expressões veiculadas em contextos de uso real da linguagem.

Portanto, a Linguística Cognitiva, na medida em que integra fatores culturais com a estrutura e as funções das formas linguísticas, apresenta-se como uma nova forma de abordar a língua. Sendo assim, os linguistas cognitivos investigam tanto a representação do conhecimento da linguagem na mente como as funções sociais e comunicativas desempenhadas pelo uso da linguagem.

Esboçadas as características principais da Linguística Cognitiva, é hora de tratar-se da teoria que serve de orientação teórica para a elaboração desta pesquisa.

⁴ [...] it is only a denial of an autonomous, special-purpose innate human capacity for language. (O grifo na tradução é meu).

2.1 CATEGORIAS TIPOLÓGICAS

Entre os estudiosos da corrente cognitivista encontra-se o linguista Leonard Talmy que, entre outros aspectos, dedica-se especialmente a investigar as relações sistemáticas nas línguas entre a expressão do significado e a expressão de superfície⁵, em outras palavras, procura investigar como as línguas estruturam linguisticamente o conteúdo conceptual. Tem como um de seus objetivos principais estudar os padrões tipológicos e os princípios universais subjacentes à descrição de eventos de movimento. (TALMY, 2000, p. 21)

Ele propõe que é possível se traçar relações entre elementos de significados e elementos de expressão de duas formas: uma delas é observar-se um tipo de constituinte particular e investigar que componente semântico pode ser expresso por ele nas diferentes línguas. A outra, é observar-se um componente semântico particular e verificar que tipo de constituinte o expressa nessas línguas.

Assim, em seus estudos iniciais (1972, 1985b), investiga como diferentes línguas estruturam linguisticamente os eventos de movimento. Dessa forma, interessa-se particularmente em saber que elementos semânticos como, movimento, trajeto, figura, fundo, modo ou causa, são expressos por quais elementos de superfície, tais como verbos, adposições (elementos invariáveis como advérbios e preposições) orações subordinadas ou satélites⁶.

Com isso, o autor desenvolveu uma análise de eventos de movimento com quatro componentes semânticos básicos: movimento (MOTION), figura (FIGURE), fundo (GROUND), trajeto (PATH), modo (MANNER) e causa (CAUSE). O movimento é caracterizado como a presença de um movimento (ou localização) em um evento de movimento; a figura é um objeto que se move ou está localizado em relação ao fundo; o trajeto é o percurso seguido ou ocupado pela figura em relação ao fundo. O modo e a causa, por sua vez, são vistos como eventos externos que podem ser configurados como um co-evento em relação ao evento de movimento (isto é, um evento subordinado a um evento principal). (TALMY, 2000, p. 25).

⁵ A palavra “superfície” aqui se refere simplesmente à forma linguística explícita, e não a qualquer teoria derivacional.

⁶ Este termo será especificado abaixo.

Analisando a informação semântica expressa pelos verbos de movimento das diferentes línguas naturais analisadas, Talmy (1985, 1991) percebe que, para além do “movimento”, esses verbos tendem a incorporar também o ‘trajeto’, ‘modo/causa’ ou ainda, a ‘figura’. Dessa forma, por exemplo, umas línguas privilegiam a fusão entre ‘movimento’ e ‘trajeto’, enquanto outras fundem o ‘modo/causa’ junto ao fato do movimento. Assim, baseando-se nesta incorporação de elementos semânticos em um único item lexical a que ele chamou *conflation*⁷, o autor propõe que é possível estabelecer uma tipologia das línguas de acordo com esses esquemas de lexicalização.

O primeiro tipo, representado pelas línguas indo-europeias (exceto a maioria das românicas), funde o Movimento e o co-evento na raiz do verbo, como exemplifica o exemplo abaixo, do inglês:

Tipo 1: Movimento + co-evento⁸ (modo ou causa)

a. The rock *slid* down the Hill. [A pedra *escorregou* ladeira abaixo.]

A pedra movimentou-se de certa forma, no caso, escorregando. Assim, o verbo *slid* comporta em si a incorporação (*conflation*) dos elementos semânticos movimento e modo em que o movimento ocorreu. (TALMY, 2000b, p. 27).

Um segundo padrão de língua, tipicamente, funde o Movimento e o Trajeto no verbo. O co-evento como causa e modo, se houver, é expresso separadamente, por exemplo, por uma oração subordinada. Essas línguas ou famílias de línguas que se enquadram nesse padrão, incluem o Romance (menos o latim), as semíticas, Japonês, Coreano, etc. Os exemplos abaixo são do espanhol e do português, duas línguas românicas que adotam este tipo de padrão:

Tipo 2: Movimento + trajeto (TALMY, 2000b, p.49)

- a. Espanhol: La botella entró a la cueva [flotando].
- b. Português: A garrafa entrou na caverna [flutuando].

⁷ Talmy define “conflation” como “qualquer processo sintático em que uma construção mais complexa transforma-se em uma mais simples”. (TALMY, 1972, p. 257)

⁸ O termo Co-evento aqui é usado para substituir o termo “evento de apoio/subordinado”, anteriormente empregado por Talmy.

Nos dois exemplos, o verbo entrar especifica que a garrafa moveu-se para dentro de um ambiente, uma vez que integra em si dois elementos semânticos, o movimento e o trajeto seguido pela figura.

Tipo 3: Movimento + Figura

No terceiro padrão tipológico para a expressão do movimento, o verbo expressa o fato do movimento junto com a figura. É um padrão raro, portanto, representado por poucas línguas como, por exemplo, o Atsugewi, uma língua indígena que foi falada na Califórnia. Nessa língua, o verbo tipicamente faz referência ao objeto em movimento. Dessa forma, um verbo correspondente aglutinante em atsugewi expressaria o evento “A garrafa entrou na caverna [flutuando]”, com a seguinte tradução literal: ‘Isso-garrafou para-dentro-da-cova devido-à-corrente’. Nesse caso, houve a fusão do movimento + a figura do evento. (TALMY, 2010, p. 09).

Assim, nesta fase inicial da teoria, a principal preocupação deste autor era investigar que elemento semântico (trajeto, modo ou figura) vinha incorporado na raiz do verbo de movimento; e as línguas acima descritas acabaram por representar os três principais padrões (quadro 1) na expressão de eventos relacionados ao movimento nas línguas ao redor do mundo. Entretanto, dado o número reduzido de línguas do terceiro tipo, o autor ocupou-se com os dois padrões mais frequentes.

Quadro 1**Três categorias tipológicas principais para verbos de Movimento**

Componentes particulares de um evento de movimento caracteristicamente expressos na raiz do verbo	
Língua/família de línguas	
Românicas Semíticas Polinésias Nez Perce Caddo Japonês Coreano	Movimento + Trajeto
Indo-Europeias (menos Românicas) Chinês causa) Finno-Ugric Ojibwa Warlpiri	Movimento + Co-evento (modo ou
Atsugewi (e aparentemente as Hokan do norte) Navaho	Movimento + Figura

FONTE: Talmy (2000b, p. 60)

2.2 O SATÉLITE

Verificamos acima que, num primeiro momento de sua teoria, ao analisar eventos de movimento, Talmy percebeu que certos elementos semânticos como modo, causa, trajeto ou figura, aparecem lexicalizados num elemento de superfície pertencente à classe aberta – a raiz verbal. Posteriormente, então, passou a investigar, nestas mesmas línguas, onde se encontravam os outros componentes dos eventos de movimentos, isto é, aqueles que não vinham expressos no verbo. Para isso, começou

examinar essas mesmas categorias semânticas, porém, em elementos de superfície pertencentes a classes fechadas de palavras⁹.

Estes elementos ele denominou *satélite para o verbo*, ou, simplesmente, *satélite* (Sat). O trajeto ou, mais especificamente, o esquema central¹⁰ de um evento de movimento, foi o elemento semântico mais observado. Para isso, foram analisados os diferentes elementos formais nos quais ele – *o trajeto* – aparece nas diferentes línguas. A descoberta básica foi que esse elemento semântico, caracteristicamente, aparece no verbo ou em um satélite nessas línguas analisadas.

Segundo Talmy (2000b, p.102), o satélite é um elemento de superfície pertencente a uma classe fechada de palavras. Em suas palavras:

É a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja um complemento nominal ou frase preposicional que esteja em relação irmã com a raiz verbal. Isso significa que o satélite, que pode ser um afixo ou uma palavra livre, engloba as seguintes categorias gramaticais: partículas verbais do inglês, prefixos verbais separáveis e inseparáveis do alemão, prefixos verbais russos ou latinos, complementos verbais do chinês, “verbos versáteis” do Lahu, substantivos incorporados do caddo e afixos polissintéticos do Atsugewi em torno da raiz verbal¹¹.

⁹ Classe de palavras constituída por um número limitado (normalmente pequeno) de palavras e à qual a evolução da língua só muito raramente acrescenta novos membros. Normalmente é bastante fácil enumerar todos os membros de uma classe fechada de palavras. (Dicionário Terminológico da LP, 2009, p. 45).

¹⁰ O esquema Central (Core schema), na teoria de Talmy, refere-se à informação principal de um evento.

¹¹ It is the grammatical category of any constituent other than a nominal or prepositional-phrase complement that is in a sister relation to the verb root. The satellite, which can be either a bound affix or a free word, is thus intended to encompass all of the following grammatical forms: English verb particles, German separable and inseparable verb prefixes, Latin or Russian verb prefixes, Chinese verb complements, Lahu nonhead “versatile verbs”, Caddo incorporated nouns and Atsugewi polysynthetic affixes around the verb root. (TALMY, 2000, p. 102).

Dessa forma, ao estabelecer uma relação estreita com a raiz do verbo, o satélite modifica-lhe o sentido. Trata-se, ainda, de um conjunto de formas que, frequentemente, justapõe-se, de modo parcial, às formas de uma outra categoria gramatical, geralmente preposições, verbos ou substantivos. Assim, no inglês, os satélites justapõem-se amplamente com as preposições, no entanto, palavras como *together*, *apart* e *forth*, por exemplo, servem apenas como satélites, enquanto *of*, *from* e *towards* servem apenas como preposição (TALMY, 2000, p. 102).

Entretanto, atenta-se para o fato de que o próprio autor declara haver uma certa indeterminação quanto a que tipos de constituintes, em construção com o verbo, podem receber designação de satélites. Ele alega que isso pode ser em função do estágio inicial da teoria, e que os dados até então analisados sugerem somente regularidades parciais e, sendo assim, segundo ele, mais pesquisas serão necessárias para que se tenha uma resposta mais efetiva sobre quais elementos de superfície podem ser considerados satélites.

Croft *et al* (2010) oferecem uma possível resposta a essa alegação do autor. Baseados em estudos efetuados, eles postulam que “Qualquer elemento que não seja uma raiz verbal, mas que codifica um componente do evento, será analisado como um satélite”.¹² (CROFT *et al*, 2010, p. 06, tradução nossa).

O que pode afirmar, no entanto, é que um dos postulados de Talmy baseia-se nos tipos de morfemas gramaticais por meio dos quais o trajeto do movimento (PATH) é lexicalizado nas diferentes línguas. Àquelas línguas que incorporam o trajeto na raiz do verbo ela chama de línguas de sistema *verb-framed*, doravante VF.

Uma língua VF dispõe de um sistema em que o trajeto do movimento vem expresso diretamente no verbo principal da oração, conforme os verbos do português: *sair*, *subir*, *entrar*, *descer*, os quais, como se percebe, incorporam em si o movimento e o trajeto do movimento. O modo (MANNER) do movimento nessas línguas, por sua vez, vem expresso por um outro verbo, geralmente em construção gerundiva como em: (1) *A menina entrou na sala correndo*.

Por outro lado, àquelas línguas em que o trajeto vem expresso num satélite, como no inglês: *go out (sair)*, *go up (subir)*, *go in (entrar)*, *go down (descer)*, foram denominadas de línguas de sistema *satellite-*

¹² Anything that is not a verb root but encodes an event component will be analyzed as a satellite.

*framed*¹³, doravante SF. Nessas línguas, o movimento e o modo vêm incorporados (conflated) no verbo principal, enquanto o trajeto do movimento é expresso em um satélite associado ao verbo: (2) *The girl run into the room* (A menina correu para dentro da sala). (TALMY, 2000b, p. 117).

É, portanto, uma tipologia formulada em termos de padrões de lexicalização que, segundo o autor, é a associação regular entre determinado elemento semântico, ou conjunto deles, e um elemento de superfície.

Sobre esta questão, o autor alerta para o fato de que nem sempre existe uma relação unívoca entre um elemento semântico e um elemento de superfície, visto que diferentes elementos semânticos podem ser expressos por um único elemento de superfície ou, um único elemento semântico ser expresso por uma combinação de elementos de superfície. (TALMY, 2000, p. 21).

Quadro 2

Tipologia dos verbos de Movimento e seus satélites

Línguas/família de línguas	Os componentes particulares de um evento de Movimento caracteristicamente representados na/no:	
	Raiz verbal	Satélite
A. Românicas Semíticas Polinésias	Mov + Trajeto	A. Ø
B. Nez Perce		B. Modo
C. Caddo		C. Figura/Fundo [Paciente]
Indo-europeias (menos as Românica Chinês Atsugewi (e maioria das Hokan do norte)	Mov + Co-evento	Trajeto
	Mov + Figura	Trajeto +fundo e causa

FONTE: Talmy (2000b, p. 117)

¹³ Ver tabela 2 , abaixo.

2.3 MACRO-EVENTOS - UNIDADES DE INFORMAÇÕES COMPLEXAS

Nesses estudos, em que investiga como diferentes línguas estruturam eventos de movimento, Talmy (2000b) percebe que na organização conceitual subjacente das línguas, existe certo tipo de evento complexo, que ele denominou de macro-evento, que está sujeito a passar por um processo de integração conceitual e que, mesmo sendo um evento complexo, é percebido como um evento unitário. No entanto, antes de prosseguirmos com a caracterização do que exatamente venha a ser um macro-evento é importante que especifiquemos a natureza geral de evento e evento complexo.

2.3.1 O evento

O conceito de evento é bastante controverso nas ciências da linguagem. Partindo-se de uma definição bastante geral, trazida dos conceitos da física, pode-se entender evento como todo e qualquer movimento, ação ou transformação que ocorre no mundo real.

Esses eventos são estudados pelos diversos ramos da física que buscam compreender as causas, efeitos e relações entre o que existe e acontece no mundo. Nos estudos da linguagem, por outro lado, deve-se estabelecer diferenças entre eventos reais, que ocorrem no mundo, e os chamados eventos linguísticos que podem ser entendidos como a representação linguística daquilo que extraímos dos eventos reais, por meio de nossos sistemas cognitivos. (FODOR, 1975)

O termo evento, conforme usado por Talmy (2000b), é, na verdade, bastante abstrato e deve ser compreendido no contexto de certos processos cognitivos gerais que ele chamou de partição conceptual (*conceptual partitioning*) e atribuição de entidade (*ascription of entityhood*). Em suas palavras:

A mente humana na percepção ou concepção pode estabelecer um limite ao redor de uma porção do que, de outra forma, seria um contínuo, quer de espaço, tempo, ou outro domínio qualitativo, e atribui à parte delimitada a propriedade de ser uma entidade única. Uma categoria de tal entidade

é percebida ou conceptualizada como um evento. (TALMY, 2000b, p. 215).¹⁴

Sendo assim, pode-se conceber o evento como uma parte da realidade que é delimitada ou recortada pela mente humana e, dessa forma, é percebida como sendo uma entidade única e completa. Essa definição de evento também é compartilhada por PINKER (2007). Para ele, um evento é um período de tempo que se configura como uma variável contínua, mas que a mente humana delimita em “pedaços independentes a que chamamos eventos” (PINKER, 2007, p. 16).

2.3.2 Eventos complexos

Segundo Talmy (2000b, p. 215), uma entidade que pode ser reconhecida como um evento pode também ser conceitualizada como sendo formada por uma dada estrutura interna. Assim, ele considera um tipo de evento que, em muitas línguas, pode ser sintaticamente representado por uma sentença complexa, formada por uma oração principal e outra subordinada, que possui uma conjunção subordinativa.¹⁵

No entanto, ele adapta essa terminologia sintática para caracterizar a conceitualização de um evento representado por uma estrutura formal do mesmo tipo, ao qual ele denomina evento complexo, composto por evento principal (*MAIN EVENT*) e um evento subordinado (*SUBORDINATE EVENT*)— juntamente com uma relação que este último confere ao evento principal.

Caracterizados, ainda que de forma breve, o evento e o evento complexo, passo agora ao macro-evento, componente sobre o qual é baseada esta proposta de trabalho.

¹⁴ the human mind in perception or conception can extend a boundary around a portion of what would otherwise be a continuum, whether space, time, or other qualitative domain, and ascribe to the excerpted contents within the boundary the property of being a single unit entity. Among various alternatives, one category of such an entity is perceived or conceptualized as an event.

¹⁵ Aqui Talmy emprega os termos da terminologia tradicional.

2.3.3 Caracterizando o Macro- evento

Conforme já citado anteriormente, Talmy (2000. p. 216) propõe que os humanos têm um sistema cognitivo capaz de conectar um conjunto de experiências mentais de modo a uni-las em um padrão conceitual global único. Segundo ele, uma comparação entre diferentes línguas sugere uma categoria recorrente de evento complexo, que, como vimos, ele denomina de macro-evento que, por um lado pode ser conceitualizado como formado por dois eventos simples(duas orações), mas, por outro lado, esse mesmo macro-evento tende a ser, talvez universalmente, incorporado e conceitualizado como um evento unitário e, assim, expresso por uma única oração. Esse processo de reconceitualização, por envolver a integração conceitual ou incorporação de eventos, o autor denominou de *integração de eventos*. Um macro-evento, portanto, surge dessa integração de dois eventos simples.

Segundo esse pensamento, a sentença (3) “The bottle floated into the cave”, integra dois eventos: um evento em que a garrafa se move para a caverna e um outro que expressa o flutuar da garrafa.

Dessa forma, um macro-evento, caracteriza-se como um evento complexo (dois eventos simples) que, em algumas línguas, pode ser expresso sintaticamente em única oração. Sintetizando, pode-se dizer que dois eventos distintos, por um lado, podem ser sintaticamente expressos por orações distintas como em (4a), mas, por outro, o mesmo conteúdo pode ser conceitualmente integrado como um evento unitário e, assim, ser expresso linguisticamente por uma única oração, como em (4b).

(4) a. The candle went out because something blew on it.
[dois eventos, duas orações]

The candle went out [evento principal].

Because [relação de subordinação].

Something blew on it [evento subordinado/co-evento **DE CAUSA**].

b. The candle blew out. [dois eventos (percebidos como um só) - uma oração].

A sentença complexa (4a) expressa linguisticamente o evento principal, a relação de subordinação, e o evento subordinado de um evento complexo. (4b), por sua vez, virtualmente representa os mesmos conteúdos, com a mesma estruturação e inter-relação entre os componentes, porém, os apresenta linguisticamente como um evento

unitário que, ainda assim, constitui-se um evento complexo, ou um macro-evento, nas palavras de Talmy.

A ideia básica é que o macro-evento organiza-se numa relação figura-fundo entre um evento principal e um evento subordinado, em que evento subordinado se caracteriza como um evento de apoio ao evento principal. Tal teorização é, de acordo com Pedersen (2010, p. 6), análoga à análise prévia de Talmy sobre a expressão de eventos complexos em sentenças compostas. Observe-se o exemplo abaixo, extraído de Pedersen (2010), que explicita esta relação:

(5) Since his wife was tired, they went home early.

Fundo

Figura

Em (5), o evento principal é aquele em que *Eles foram para casa cedo*, e representa a figura, e o evento causal (subordinado) é aquele em que *a esposa estava cansada* e representa o fundo.

Talmy (2000b) estabelece dois elementos internos que estruturam o macro-evento: o *evento de frame*¹⁶ (*Framing-Event*), doravante EF, e o *co-evento*¹⁷ (*Co-Event*), doravante CE. Segundo o autor, o EF caracteriza-se como um esquema de evento particular que pode ser aplicado a cinco domínios conceituais diferentes. Os quais incluem um evento de Movimento ou Localização no espaço, um evento de Delineamento temporal (aspecto), um evento de Mudança ou Constância entre estados, um evento de Correlação entre ações, e um evento Realização ou Confirmação no domínio da realização¹⁸. De acordo com as palavras de TALMY (2000) pode-se dizer que o evento de frame constitui o ponto principal, ou seja, é o evento principal em relação ao macro-evento inteiro

O Co-evento, por sua vez, funciona como um evento subordinado (ES) dentro do macro-evento, especificando uma atividade aspectualmente não delimitada. Por esta razão, nenhuma caracterização semântica autônoma pode ser atribuída a ele. Assim, em termos de proeminência, representa uma informação secundária e comporta uma relação de apoio para com o evento-principal. Nas palavras do autor:

[...] o evento subordinado constitui um evento de circunstância em relação ao macro-evento como um todo e desempenha funções de apoio em relação ao evento de frame. Nestas funções de

¹⁶ Evento principal

¹⁷ Evento subordinado

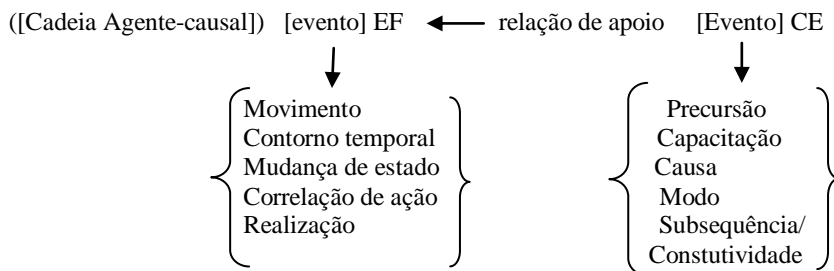
¹⁸ Esses tipos de macro-eventos serão especificados em seção a seguir

apoio, o evento subordinado pode ser visto como elemento que preenche, elabora, adiciona, ou motiva o evento de frame. (TALMY, 2000, p. 220, tradução minha).

As relações de apoio que o CE pode estabelecer com EP são múltiplas, as quais incluem precursão (*Precursion*), causa (*Cause*), modo (*Manner*), capacitação (*Enablement*), concomitância (*Concomitance*), propósito (*Purpose*) e constitutividade (*Constitutiveness*). No entanto, as mais frequentemente discutidas por Talmy são aquelas que especificam o *modo* e a *causa* (TALMY, 2000, p. 220); e serão também as levadas em conta aqui nesta pesquisa.

Retomando, então, a noção de macro-evento, pode-se dizer que ele integra conceitualmente, em uma única oração, um evento complexo, formado por um Co-evento, um evento de frame e uma relação de apoio.

Estrutura conceitual do macro-evento



FONTE: Talmy (2000, p. 221, tradução minha).

Os macro-eventos abaixo, um do inglês e outro do espanhol, respectivamente, expressam exemplos de sentenças de acordo com esta estrutura:

(7) The pencil blew off the table.

Assim, *off* representa o evento de frame (principal) que expressa o fato movimento (para fora) , enquanto *blew* expressa a relação de apoio, no caso a causa do movimento.

(8) El niño sali3 corriendo de la calle.

Em (8), *sali3* representa o evento de frame (principal) que expressa o fato do movimento e, corriendo, por sua vez, expressa a relação de apoio, no caso, o modo como o movimento ocorreu.

O esquema abaixo apresenta o evento de frame, com sua estrutura complexa, contendo os elementos que o constituem.

Caracterizado semanticamente o macro-evento, serão examinadas abaixo suas realizações sintáticas.

2.3.4 O mapeamento sintático do Macro-Evento- Línguas de frame no verbo¹⁹ e línguas de frame no satélite²⁰

Já foi referido acima que há nas línguas ao redor do mundo uma tendência a integrar conceitual e sintaticamente dois eventos em um só. Porém, de acordo com o padrão em que mapeiam a estrutura conceptual do macro-evento em estrutura sintática, essas línguas dividem-se em duas tipologias de categorias distintas. Nas palavras de Talmy: “Para caracterizá-las em termos gerais, as tipologias consistem em saber se o esquema central (*core schema*) é expresso pelo verbo principal ou pelo satélite”. (TALMY, 2000, p. 221).

As línguas que caracteristicamente mapeiam o esquema central no verbo, segundo o autor, possuem o frame no verbo (*verb-framing*), isto é, trazem a informação principal incorporada no verbo. São as Línguas de frame no verbo (*VF Languages*). Nesse grupo enquadram-se as línguas românicas, turco, japonês e outras que, segundo ele, combinam as informações de movimento (MOVE) e trajeto (PATH) no verbo, cabendo aos satélites²¹ o papel de representar o modo, ou a causa do movimento, ou mais especificamente, o Co-evento. Por outro lado, as línguas que mapeiam o esquema central no satélite e que, portanto, possuem o frame no satélite (FRAMING SATELLITE), ele classifica como Línguas de frame no satélite (SF Languages). Constituem parte desse grupo as línguas como o inglês, alemão, chinês, etc. Nesse grupo, a informação do modo (MANNER) ou a causa (CAUSE) do movimento é expressa pelo verbo, e a ideia de trajeto (PATH) é dada pelo satélite.

O autor declara que, com o esquema central do evento de frame localizado no verbo ou no satélite, deve-se observar em que local em cada caso o Co-evento aparece:

¹⁹ Verb-framed languages

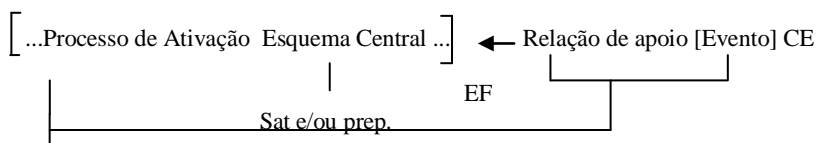
²⁰ Verb-framed languages

²¹ Lembro aqui que não é o caso de que as línguas de frame no verbo não possuem satélites. O que ocorre é que, nessas línguas, segundo a tipologia de Talmy, os satélites só expressam o evento subordinado, nunca o principal.

Línguas com um frame no satélite regularmente mapeiam o Co-evento no verbo principal, que assim pode ser chamado de verbo co-evento. Por outro lado, línguas com o frame no verbo mapeiam o co-evento, ou num satélite ou em um adjunto, tipicamente um sintagma adposicional ou um constituinte do tipo gerundivo. Tais formas são, portanto, chamadas satélite co-evento, um gerúndio co-evento. (TALMY, 2000, p. 222, tradução minha).

Os diagramas abaixo apresentam essas relações:

Mapeamento sintático do macro-evento nas línguas *satellite-framed*



FONTE: Talmy (2000, p. 223)

O inglês é uma das línguas que se enquadram nesse padrão tipológico:

Numa sentença não-agentiva²²

(9) The bottle *floated* out. [A garrafa saiu flutuando]

Nesse exemplo, o satélite *out*, expressa o esquema central (evento principal), no caso, o *trajeto*, enquanto o verbo *float* expressa o co-evento, cuja relação de apoio ao evento de frame é o *modo* do movimento.

Dessa forma:

a. The bottle floated [Co-evento]

b. Out [evento principal]

Numa sentença agentiva²³

(10) I blew the candle out. [Apaguei a vela com um sopro/soprando]

²² Cujo movimento não é motivado por um agente.

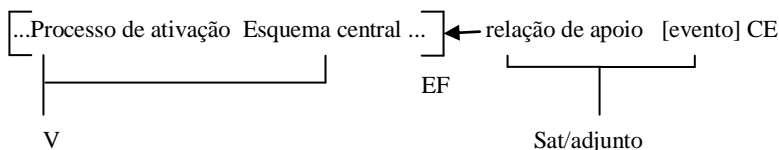
²³ Cujo movimento é motivado por um agente.

Nesse caso, o satélite *out* expressa o esquema central do evento de frame, isto é, a transição a um novo estado, enquanto o verbo *blew* expressa o co-evento de *causa* (CAUSE).

Assim, temos:

- a. I blew the candle [co-evento]
- b. Out [evento principal]

Mapeamento sintático do macro-evento nas línguas *verb-framed*



FONTE: Talmy (2000, p. 223).

O espanhol e o português são línguas típicas desse padrão, conforme expressam os exemplos.

Numa sentença não-agentiva

(11) La botella salió flotando [A garrafa saiu flutuando].

O verbo ‘salir/sair’ expressa o esquema central, neste caso, *o trajeto* (PATH), enquanto flotar/flutuar, expressa o co-evento de *modo* (MANNER). Dessa forma, pode-se esquematizar, no português, por exemplo:

- a. A garrafa saiu [Evento principal].
- b. flutuando [co-evento].

Numa sentença agentiva com um EF que expressa uma *mudança de estado*²⁴

(12) *Apagué* la vela de um soplido/soplándola. [*Apaguei* a vela com um soprando/com um sopro].

Neste caso, o verbo principal expressa a *transição* a um novo estado, enquanto o adjunto (de um soplido/soplandóla) expressa o CE de *causa* (CAUSE).

Assim:

- (12) a. *Apagué* la vela [evento principal].
- b. com um sopro/soprando-a [co-evento].

²⁴ A *mudança de estado* é um dos cinco tipos de macro-eventos gerados pela integração conceitual, os quais serão explicados com mais detalhes logo abaixo.

2.4 A CONSTRUÇÃO DO CO-EVENTO NAS LÍNGUAS DE FRAME NO VERBO

Neste ponto da pesquisa, um questionamento que poderia surgir é: Se, um macro-evento é a expressão de *dois eventos* em uma *única oração*, como é que sentenças como esta do português, por exemplo, “O menino saiu correndo da sala”, pode ser considerada um macro-evento, uma vez que é composta por dois verbos?

O autor fornece uma explicação para este fenômeno. Ele alega que em línguas de frame no verbo, como o espanhol, e consequentemente, o português, o constituinte CE apresenta certa particularidade, visto que o grau de sua integração sintática na oração principal da sentença pode variar. Desse modo, certas formas de gerúndio no final de sentenças, que expressam o CE, podem ser interpretadas sintaticamente como *orações subordinadas adverbiais*. Sendo assim, não se pode considerá-las como satélites. Segundo esta interpretação, a construção forma uma sentença complexa, isto é, composta por duas orações, de modo que não pode, portanto, representar um macro-evento. É o caso de sentenças como:

(13) The botella salió de la cueva flotando.

No entanto, ele alega que esse tipo de língua também pode apresentar construções em que um verbo que expressa o CE está em construção direta com o verbo principal.^{25 26} Dessa forma, esclarece: “Com esse padrão sintático, a sentença inteira pode ser interpretada como um macro-evento.” (TALMY, 2000, p. 224). Este, segundo ele, é o caso de:

(14) La botella salió flotando de La cueva.

Observamos, no entanto, que o autor faz referência a esse fenômeno somente com sentenças não-agentivas, não ficando claro, portanto, como seriam analisadas as sentenças agentivas, como (12), reproduzida abaixo:

²⁵ Quanto a este tipo de construção, ASKE (1989), observa que no espanhol, se o gerúndio é empregado para introduzir uma informação nova, posiciona-se no final da sentença. Por outro lado, se o seu foco é menor, posiciona-se logo após o verbo principal. (ASKE, 1989, p. 11).

²⁶ Essa, segundo Talmy, é a posição preferida do espanhol para a expressão de modo. (TALMY, 2000, p. 116).

(12) *Apagué la vela de un soplido/soplándola.* [Apaguei a vela com um soprando/com um sopra].

Neste momento, e, seguindo as considerações acima sobre línguas de frame no verbo ou frame no satélite, parece-me pertinente antecipar parte de análise em que propomos o *até*, objeto desta pesquisa, como elemento que contribui na especificação do verbo. Com isso, cumprimos já um dos objetivos do estudo que é *demonstrar que o até colabora na determinação do frame que especifica o verbo*.

Um dos principais pressupostos teóricos que caracterizam a Linguística Cognitiva é a noção de FRAME. Destinado a descrever as estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento do conhecimento compartilhado culturalmente, o frame trata especialmente da semântica dos itens lexicais e construções gramaticais. Para tanto, “o termo FRAME designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência.” (FERRARI, 2011, p. 50).

Para Fillmore (1977a) e Suárez (2010), as palavras têm os significados subordinados a frames, os quais são alimentados por aspectos culturais. Portanto, para a interpretação de um determinado item lexical ou conjunto de itens, é necessário o acesso a estruturas de conhecimento que evoquem elementos e cenas da experiência humana.

Dessa forma, os conceitos simbolizados pelas palavras não podem ser compreendidos sem que sejam relacionados às intenções dos participantes, ou das instituições sociais e culturais em que uma dada ação, estado ou coisa está situada (FILLMORE 1977a, p. 73).

O conceito de *vegetariano*, por exemplo, somente fará sentido em um frame de uma cultura em que comer carne é algo comum. O mesmo ocorre com o conceito de *greve*, que só é entendido em um frame de uma cultura em que tal ação se faz presente com todas as relações de trabalho das sociedades capitalistas.

Em nossa cultura, quando falamos carnaval, logo relacionamos a essa palavra diversas ideias que lembram seu significado. Inicialmente, o desfile das escolas de samba, que seria o seu sentido prototípico, e, a partir daí, pode-se também pensar em folgas, viagens, fantasias, festas, confetes, etc. Tudo isso constitui um frame.

Neste sentido, Suárez (2010), argumenta que um frame é, portanto, um domínio semântico vinculado a uma palavra. Esse domínio, segundo ele, é composto por um conjunto de elementos prototípicos, considerado uma espécie de “núcleo duro”, e também por outros elementos relacionados à imaginação. Nas palavras de Kovecses

“Frames são construtos da nossa imaginação- não representações mentais que refletem diretamente a realidade objetiva pré- existente. Em síntese, frames são instrumentos imaginativos da mente²⁷ (KOVECSES, 2006 *apud* SUÁREZ 2010, p. 37).

Assim, quando falamos em carnaval, além dos sentidos acima atribuídos, podemos também associar à palavra aspectos negativos como o perigo das estradas, medo de assalto, ressacas, despesas extras e tudo o mais que a nossa imaginação, baseada na nossa cognição, possa admitir.

Por esta razão, de acordo com Suárez (2010), o conjunto de elementos que compõem um frame não é fechado e pode incluir até mesmo fatos da experiência individual. Se uma pessoa pensa na palavra *calcanhar*, pode associá-la imediatamente a uma parte do pé, à perna e, finalmente, ao corpo humano, que constituiriam seu ‘núcleo duro’ prototípico. Mas pode também acrescentar ao seu frame a palavra *calcanhar-de-aquiles*, que na cultura ocidental expressa um aspecto vulnerável na personalidade de uma pessoa. Pode ainda acrescentar a *calcanhar*, a ideia de *passo de calcanhar*, *gol de calcanhar*, expressões bastante conhecidas dentro do contexto futebolístico brasileiro. Com isso, consequentemente, o emprego da palavra com esse sentido, pode gerar até mesmo restrições sintáticas, visto que não é possível usar-se construções como, por exemplo, **gol por calcanhar* ou **passo a calcanhar*. Neste caso, o emprego da preposição *de* é imperativo. (SUÁREZ, 2010, p. 38).

Croft & Cruse (2004) esclarecem que os frames não se constituem apenas por conceitos estáticos, conforme deixam pressupor nossos exemplos acima. Segundo os autores, “*um frame é qualquer²⁸ corpo coerente de conhecimento pressuposto pelo conceito de uma palavra*”; sendo assim, os frames podem incluir conceitos dinâmicos que se estendem no tempo. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 17).

Essa afirmação dos autores está de acordo com a ideia de Fillmore (1982), quando este concebe o *frame* como a caracterização de uma pequena “cena” ou “situação”; um sistema de categorias estruturadas conforme algum contexto motivador, e os itens lexicais, neste caso, servem para acessar os conhecimentos relacionados a tais frames especificando-lhes o sentido.

²⁷ Frames are constructs of our imagination – and not mental representations that directly fit a preexisting objective reality. In short, frames are imaginative devices of the mind.

²⁸ Grifo meu

2.5 O ATÉ NA CONSTITUIÇÃO DE UM EVENTO COMO UM FRAME COMPLETO

Conforme visto acima, os frames são construtos incompletos, na medida em que novas informações podem ser agregadas a eles. É o que ocorre com os frames associados a verbos. A conclusão do evento associado ao verbo pode não ser informada no frame. Um verbo como *agredir*, por exemplo, pode suscitar um frame com seus participantes (alguém que foi agredido e alguém que agrediu), pertences (instrumentos, armas utilizadas na agressão), violência, etc. No entanto, não fornece um caráter conclusivo à ação indicada pelo verbo, visto que, nem todo o ato de agredir leva necessariamente à morte.

Com efeito, não se pode *concluir* que houve morte a partir do frame que *agredir* suscita. Assim, verbos como *agredir*, *espancar*, *surrar*, etc., neste caso, necessitam de um complemento que especifique, caso o falante deseje, o sentido do evento em que esses verbos participam.

Observemos as seguintes expressões em português, extraídas de um *corpus* real.

- (13) O Homem foi *agredido* até a morte no Bacacheri ontem à noite.
- (14) [...] imagens captadas pelo telefone celular mostram cenas terríveis, onde o assaltante é *surrado* até a morte.
- (15) O rapaz foi *caçado* até a morte por uma dupla desconhecida que estava em uma moto.
- (16) “Usuário de drogas é *perseguido* até a morte por bandidos na região metropolitana de Fortaleza”.

Em (13) e (14) os verbos *agredir* e *surrar*, respectivamente, acionam frames aos quais se associam vários elementos, como os especificados acima. São ainda, segundo Neves (1999, p. 29), verbos que implicam a maneira como certa mudança é operada em um sujeito que é paciente da ação. Isto significa que eles comportam elementos frame que especificam o *modo/causa* em que um dado evento ocorreu, contudo, são carentes de um elemento frame que especifique o *resultado* da ação ocorrida no evento.

Em (15) e (16) podemos associar aos frames dos verbos *caçar* e *perseguir* alguns elementos como *ir ao encalço*, *correr atrás*, *procurar para prender*, etc. No entanto, a depender somente da semântica destes verbos, não é possível se concluir o resultado de tais ações. Ser *surrado*, *caçado*, *perseguido*, etc., pressupõem uma situação ruim, mas

não há a implicação de que *ser surrado, caçado ou perseguido* sejam eventos necessariamente seguidos de morte. Isso ocorre porque, segundo a nossa experiência, esses verbos nem sempre têm associado a seus frames o elemento *morte*.

Assim, a conclusão da ação ou do evento fica por conta do adjunto introduzido por ‘até’. Neste caso, a preposição funciona como um satélite que, ao acrescentar o elemento morte ao frame do verbo, especifica-lhe, por fim, o sentido. É possível perceber-se, portanto, que é a presença de *até* na sentença que vai definir tal evento como um frame completo.

2.6 A TIPOLOGIA GENERALIZADA

Na fase primeira de sua teoria, Talmy (1972, 1985b) dedicou-se a descrever um evento complexo e a sua *conflation* em uma única oração, isto é, o *macro-evento*, apenas em expressões relacionadas a eventos de Movimento. Posteriormente, contudo, numa segunda fase, percebeu que a noção de *macro-evento* aplicava-se também a outros tipos bastante distintos de eventos, pertencentes a outros domínios conceituais.

Assim, as descobertas levaram-no a propor que, além dos eventos de movimento, há evidência de mais quatro tipos de eventos com propriedades sintáticas e semânticas paralelas. Isto significa que, num evento de mudança de estado (*change of state*), por exemplo, há um paralelo com o evento de movimento (*Motion*). Dessa forma, a sentença *He choked to death* (Ele morreu engasgado/ele engasgou até a morte) pode ser representada esquematicamente como:

[He “**MOVED**” to death] **WITH-THE-CAUSE-OF** [he choked], em que há um ‘movimento’ para sair de um estado e entrar em outro. É, portanto, um tipo de extensão metafórica de *Movimento* para *Mudança de estado*. Formam, então, um total de cinco, os tipos de eventos, que estão sujeitos à integração conceitual: *Movimento*, *Mudança de estado*, *Delineamento temporal (aspecto)*, *Correlação de ação e Realização*²⁹.

Os exemplos abaixo ilustram cada um desses tipos de macro-evento. Eles são tomados do inglês, língua de categoria tipológica cujo esquema central (evento de frame), que caracteriza o tipo de evento, é expresso por um satélite. Uma língua de frame no satélite, portanto.

²⁹ Tradução dos termos do inglês: Move, Change of state, Temporal Contouring, Action Correlation, Realization.

Em cada um desses exemplos, o satélite expressa:

a. O trajeto (path) num evento de MOVIMENTO

The ball rolled *in*. (A bola rolou e entrou [em algum lugar]). O satélite *in* indica que a bola entrou em algum espaço enquanto rolava.

b. O aspecto em um evento de DELINEAMENTO TEMPORAL.

They talked *on*. (Eles continuaram a falar). O satélite *on* indica que “eles” continuaram no ato de conversar.

c. A propriedade alterada num evento de MUDANÇA DE ESTADO

The candle blew *out*. (A vela apagou com um sopro). *Out* indica que a vela se extinguiu como resultado de algo que soprou sobre ela.

d. A correlação em um evento de CORRELAÇÃO DE AÇÃO

She sang *along*. (Ela cantou acompanhada). *Along* indica que *ela* cantou acompanhada por outra pessoa.

e. A confirmação ou cumprimento num EVENTO DE REALIZAÇÃO

The police hunted the fugitive *down*. (A polícia prendeu o bandido) *Down* indica que a polícia realizou a sua intenção inicial que era capturar o bandido.

É importante observar-se o fato de que, nas orações acima, o resultado dos verbos- *roll*, *talk*, *blow*, *sing* e *hunt*, são especificados pelas partículas (*in-on-out-along* e *down*), que funcionam como *satélites* dos verbos, uma vez que são elas que fornecem a informação principal da orações.

Dentre essas cinco categorias que podem ser realizadas pelo evento de frame, as que interessam ao trabalho são as de *Movimento*, *Mudança de estado* e *Realização*. A primeira, por ser a categoria prototípica; as duas últimas, por fazerem parte da presente análise. Serão, portanto, essas três categorias que serão especificadas a seguir.

2.6.1 O evento de movimento como evento de frame

Neste tipo de evento de frame, há a presença de um objeto físico que desempenha o papel de *Figura* em relação ao evento completo; um *Fundo*, outro objeto físico que funciona como ponto de referência para a *Figura*; um *processo de ativação* que especifica se a figura move-se ou está estática em relação ao fundo; uma *função de associação* que especifica o *Trajeteto* seguido, ou o local ocupado pela figura com relação ao fundo.

O esquema central do evento de Movimento é o *Trajeteto* que, caracteristicamente, nas línguas de frame no verbo é expresso pelo verbo principal e, nas línguas de frame no satélite, é expresso por meio de um satélite.

Os exemplos em (17) ilustram os quatro tipos de macro-eventos de movimento. Esses tipos variam de acordo com a presença ou a ausência de um agente causal, ou se a relação de apoio representa o Modo ou a Causa do macro-evento. O conceito de movimento é representado pela forma MOVE ou, quando for resultado da ação de um agente, pela forma Δ MOVE. Cada exemplo está apresentado de acordo com os dois padrões tipológicos contrastantes, o padrão do inglês, de frame no satélite e, do padrão do espanhol, de frame no verbo principal.

(17)

a. Não-agentiva

i. Relação de apoio: Modo (*MANNER*)

[The bottle MOVED in to the cave] WITH-THE-MANNER-OF [it floated].

Inglês: The bottle floated into the cave. [A garrafa flutuou para dentro da caverna.]

Espanhol: La botella entro flotando a La cueva.[A garrafa entrou flutuando na caverna.]

ii. Relação de apoio: Causa (*CAUSE*)

[the bone MOVED out of from its socket] WITH-THE-CAUSE-OF [(something) pulled on it]

Inglês: The bone pulled out of its socket. [O osso saiu do lugar (com um puxão)]

Espanhol: El hueso se salió de su sitio de um tirón. [O osso saiu do lugar/deslocou-se com um puxão].

b. Agentiva

i. Relação de apoio: Modo

[I _AMOVED the keg out of the storeroom] WHIT-THE-MANNER-OF [I rolled it].

Inglês: I rolled the keg out of the storeroom. [Eu rolei o barril para fora do depósito].

Espanhol: Saqué El barril de La bodega rodándolo.[Tirei o barril da despensa rodando-o].

ii. Relação de apoio: Causa

[I _AMOVED the Ball in to the box] WHIT-THE-CAUSE-OF [I kicked it]

Inglês: I kicked the ball into the box.

Espanhol: Metí la pelota a la caja de una patada. [Coloquei a bola na caixa com um chute].

2.6.2 O evento de Mudança de estado como evento de frame

Neste tipo de Macro-evento, o evento de frame expressa uma *mudança de propriedade* e, conseqüentemente, *uma mudança de estado* em um objeto, pessoa ou situação particular. Segundo Talmy (2000b), o macro-evento de mudança de estado mantém um paralelo com o evento de movimento. Dessa forma, o objeto, pessoa ou situação associada à propriedade representa a figura, enquanto a entidade Fundo representa essa propriedade.

O processo de ativação é a transição desses elementos envolvidos no evento com relação à propriedade, isto é, a mudança em si. A função de associação, por sua vez, é a direção da relação que o objeto, pessoa ou situação tem com respeito à propriedade; nas palavras do autor é – o *tipo de transição*. (TALMY, 2000b, p. 238). Nessa analogia, então, a entidade que representa o Fundo num evento de movimento, é, no evento de mudança de estado, representada pelo *estado*.

O esquema central do evento de mudança de estado é geralmente a combinação do *tipo de transição* junto com o *estado*, e por isso, análogo ao *Trajet*o mais o *Fundo* de um evento de Movimento.

Neste sentido, o autor alega que a organização da conceitualização para expressão linguística estabelece a mudança de estado em analogia com o Movimento. Dessa forma, de acordo com a tipologia geral, o esquema central de um evento de mudança de estado é expresso pelo verbo principal, nas línguas de frame no verbo e, por um satélite nas línguas de frame no satélite.

Talmy (2000b) apresenta várias formas de construção de macro-eventos de mudança de estado que mantêm um paralelo com os componentes *Trajeto* + *Fundo*, do evento de movimento. No entanto, por uma questão de espaço, vou focalizar somente aquelas pertinentes à minha pesquisa.

Uma delas é constituída por um tipo de construção formada pela combinação de uma preposição e um substantivo. O autor exemplifica este tipo de construção de macro-evento com uma expressão cujo *esquema central* é a sequência TO DEATH. Segundo ele, nesta construção, que combina uma preposição mais um substantivo, a preposição (TO) representa o *tipo de transição* e o substantivo (DEATH) nomeia o *estado*. Assim, tal construção deve ser interpretada como correspondente a um *satélite frame*.

(18)

a. Não-agentiva – Relação de causa

[He “MOVED” TO DEATH] WITH- THE- CAUSE-OF [he choked on a bone]

Inglês: He choked to death on a bone.[Ele morreu engasgado com um osso]

Espanhol: Murió atragantado por un hueso/porque se atragantó com um hueso. [Morreu engasgado por um osso/porque se afogou com um osso].

b. Agentiva – Relação de causa

[I “_AMOVED” him TO DEATH] WITH- THE- CAUSE-OF [I burned him].

Inglês: I burned him to death. [Eu o queimei até a morte].

Espanhol: Lo mataron quemándolo/com fuego [Mataram-no queimando-o/com fogo].

Broccias (2003a, p. 327), estudando as construções resultativas do inglês, alega que o sintagma *to death*, caracteriza-se como um *sintagma de mudança* (change phrase, CP). Em suas palavras “Um sintagma não-verbal, que não tem o papel de sujeito nem de objeto, é considerado um *sintagma de mudança* (Change Phrase-[CP]) se refere-se a um estado, posição ou circunstância possivelmente adquirida por uma entidade *a* envolvida num evento E, [...]”³⁰

³⁰ A nonverbal phrase XP, which has neither a subject nor an object role, is said to be a change phrase (CP) if it refers to a state, position or circumstance possibly achieved by an entity *a* involved in an event E,(...) (Broccias 2003a: 327)

O autor exemplifica com a construção resultativa abaixo:

(19) Sally drank herself [to death] CP. (Sally se embebedou até a morte).

Sobre (19), o autor declara que a expressão *to death* é um *sintagma de mudança* (CP) por que se refere a uma mudança de estado operada em Sally, que a levou à morte. Isto é, ela se envolveu em um evento (ou sucessivos eventos) de ingestão de bebidas que causaram a sua morte.

Outro tipo de evento de mudança de estado mencionado por Talmy (2000, p. 251) é aquele em que uma entidade modifica-se aos poucos até chegar a outro estado de existência. Como em:

(19)

a. Não Agentiva

[The Wood chips “MOVED” REDUCTIVELY TO a STATE [BEING a pulp]] WITH-THE-CAUSE-OF [they boiled].

[As lascas de Madeira resumiram-se a uma polpa [porque elas ferveram].

b. Agentiva

[I “MOVED” REDUCTIVELY the wood chips TO a STATE [BEING a pulp]] WITH-THE CASE-OF [I boiled them]

[Eu reduzi as lascas de madeiras a uma polpa [porque eu as fervei]

Nesse tipo de construção, a mudança de estado é representada por uma expressão nominal que pode variar livremente como: *a pulp* (uma polpa), *a block of ice* (um bloco de gelo), etc.

2.6.3 O evento de Realização como evento de frame

Outro tipo de evento de frame, proposto por Talmy (2000), e no qual também se baseará a análise, é aquele que expressa um evento de REALIZAÇÃO. Este tipo, no entanto, subdivide-se em outros dois tipos relacionados, os quais o autor chamou de cumprimento e confirmação. Eles referem-se, respectivamente, ao cumprimento e à confirmação de uma intenção do agente num evento de realização. É ao primeiro que, por nos interessar mais especificamente, nos reportaremos abaixo.

No padrão verbal, em que é expresso o cumprimento de uma intenção, o escopo da intenção do agente estende-se para além da ação desempenhada. Entretanto, o verbo é lexicalizado de forma que não

deixa claro se, ou não, a intenção de alcançar a meta pretendida foi cumprida.

A um verbo com esse padrão de lexicalização, Talmy (2000), chama de Verbo de realização discutível (*moot-fulfillment verb*). Neste padrão verbal, segundo ele, é a adição de um satélite que indica que a intenção de realizar uma meta particular foi, de fato, cumprida. Nas palavras dele: “aqui, o significado da adição do satélite não é independente do significado do verbo, mas é sensível à estrutura interna daquele complexo semântico e complementa-o.”³¹ (TALMY, 2000, p. 264).

A esse tipo de satélite ele denominou satélite de realização (*fulfillment satellite*). A sentença, do inglês, abaixo representa esse padrão de construção:

(20) The Police *hunted* the fugitive *down*. [A polícia capturou o bandido], em que há um verbo de realização discutível: ação + meta, no caso, *Hunt* ‘go about looking with the goal of thereby finding and capturing’, e um satélite de realização, que indica o cumprimento daquela meta, no caso, *down* ‘with the fulfillment of the goal’.

Nesse caso, o referente do verbo transitivo *hunt* (caçar) consiste em uma atividade em que um agente pretende *procurar* e *capturar* uma entidade animada particular. Esse tipo de verbo, quando usado sem um satélite, não tem o seu resultado especificado, ou seja, o fato de caçar, por exemplo, não garante a captura da entidade procurada. São verbos que têm, segundo Talmy (2000), um aspecto atético (não limitado).

No entanto, a adição do satélite *down* indica que a intenção(que era a de capturar o fugitivo) foi realizada, isto é, que a *procura* e a *captura* realmente aconteceram. Assim, nesse evento complexo, uma expressão de caráter atético(não limitado), com a adição de um satélite, assume um caráter télico (limitado).

De fato, a esse respeito, Neves (1999, p. 29) alega que existem tipos de verbos que implicam somente o *modo* em que uma mudança ocorre em uma entidade, isto é, eles possuem elementos frame que especificam o *modo* como o evento ocorreu, contudo, não possuem um elemento frame que especifique o *resultado* da ação ocorrida no evento.

³¹ Here, the meaning of the satellite’s addition is not independent of the meaning of the verb but is sensitive to the internal structure of that semantic complex and complement it.

Para que tal ocorra, são necessários, portanto, outros elementos que venham complementar os sentidos desses verbos.

Quanto às diferenças tipológicas na expressão de EVENTO DE REALIZAÇÃO, as línguas que sistematicamente expressam esse tipo de evento, dividem-se nas mesmas categorias tipológicas vistas anteriormente. Assim, a REALIZAÇÃO é expressa no verbo, nas línguas de frame no verbo e num satélite, nas línguas de frame no satélite.

Ainda a respeito da expressão desse tipo de evento, Talmy (2000) alega que na organização da concepção para a expressão linguística, a realização, aparentemente, é também análoga aos outros tipos de eventos de frame. Assim, como no domínio espacial há um movimento de algum lugar qualquer para um lugar determinado, e no domínio de mudança de estado ocorre uma transição da ausência para a presença de uma propriedade particular, então, no domínio de realização, também há uma *transição* que vai de um *estágio potencial* para um *estágio real* de realização, isto é, de um *grau suposto* a um *grau definido* de realização.

Neste sentido, a REALIZAÇÃO pode ser análoga a um tipo especializado de MUDANÇA DE ESTADO. Essa analogia pode ser capturada pela estrutura conceitual assumida para um macro-evento de realização e pode ser esquematizada da seguinte forma:

[Agent “_AMOVE” TO FULFILLMENT the INTENTION (to CAUSE X)] WITH-THE-SUBSTRATE-OF [Agent ACT + INTEND to CAUSE X THEREBY] (Talmy, 2000, p. 271)

[Agente MOVE-se para REALIZAR a INTENÇÃO (que é CAUSAR X) COM BASE EM [ATO do agente + a INTENÇÃO de CAUSAR X DE TAL FORMA]

Finalmente, depois de apresentadas as categorias que podem ser constituídas pelo evento de frame, é hora de apresentar algumas considerações que venham a caracterizar o português como uma língua de *frame no satélite*.

2.7 O PORTUGUÊS COMO UMA LÍNGUA SATELLITE-FRAMED

A noção de macro-evento e sua estruturação conceitual, anteriormente apontada, parece, na visão de Talmy, estender-se a todas as línguas, constituindo assim, um universal da organização linguística. No entanto, conforme apontaram as seções anteriores, as línguas se organizam em duas categorias tipológicas distintas, conforme expressam a informação principal do macro-evento, ou por meio de um verbo,

como acontece nas línguas românicas, ou num satélite, como ocorre com as línguas germânicas.

Assim, sendo o português uma língua românica, enquadra-se no padrão verb-framed, em que a *informação principal* é estabelecida dentro do próprio verbo:

- (21) A criança *saiu* da sala correndo.
- (22) Maria *entrou* sorrateiramente no quarto da mãe.
- (23) Júlio *retirou* o botijão da cozinha rolando-o.
- (24) Os garotos *subiram* a ladeira.
- (25) O segurança *apagou* as chamas com o extintor.

De fato, as sentenças acima, assim como várias outras do português, não deixam dúvidas quanto às afirmações de Talmy. Em todas elas, a informação principal é realmente expressa pelos verbos (sair, entrar, retirar, subir, apagar). Já os eventos secundários, quando mencionados, são expressos por alguma expressão adverbial.

Mas o que dizer de sentenças como: *Após a colisão, motorista é espancado até a morte?* Em que a informação principal (evento principal), conforme se nota, não está no verbo. Analisemos mais de perto esta sentença comparando-a com uma do inglês, língua do padrão satellite-framed.

- | | |
|--|--------------|
| (27) Após a colisão, motorista foi espancado | até a morte. |
| [ES] | [EP] |

- | | |
|----------------|----------------------|
| (28) He choked | to death [on a bone] |
| [ES] | [EP] |

Como é fácil perceber, em (27) e (28), o evento principal *não* é expresso pelo verbo, uma vez que os verbos *espancar* – do português – e *chock* (engasgar) – do inglês – não significam necessariamente matar, visto que, é possível alguém ser espancado ou se engasgar e, ainda assim, não morrer. Está claro, neste caso, que é a sequência de *preposição mais substantivo* que, ao indicar uma mudança de estado, fornece o esquema central do macro-evento.

Em outras palavras, pode-se dizer que a parte essencial da informação está no resultado da ação, que é expresso pelo sintagma preposicional. O verbo *espancar* indica a causa que levou a tal resultado. Isso está de acordo com a proposição de Talmy de que, em inglês, macro-eventos que representam mudança de estado “*can represent the core schema [...] part for part by a preposition plus a noun*”. (TALMY, 2000, p. 240).

Ele exemplifica esse argumento (ver 2.6.2), com a construção *to death*, do inglês, em que a preposição *to* representa o tipo de *transição* e o substantivo *death* nomeia um *estado* (TALMY, 2000, p. 50). Podemos dizer que é isso o que ocorre com a preposição *até* em sentenças como (27d) em que o *até* representa o tipo de transição e *a morte* nomeia o estado resultante desta transição.

Voltando ao nosso exemplo do português, é possível afirmar que a palavra *até* funciona como um elemento integrador num macro-evento de mudança de estado. Assim, essa sentença seria a integração de um evento complexo (dois eventos simples) em um macro-evento, conforme se verifica abaixo:

(27)

- | | |
|---|---------------------------|
| a. Após a colisão o motorista foi espancado. | } Dois eventos
simples |
| b. Após a colisão o motorista morreu | |
| c. O motorista morreu porque foi espancado após a colisão. → um evento complexo | |
| d. Após a colisão, o motorista foi espancado até a morte. → um macro-evento | |

Outros exemplos encontrados até o momento apontam ainda que a preposição *até*, além de funcionar como satélite em eventos de *mudança de estado*, como visto acima, pode também funcionar como satélite na integração de eventos de *realização* (no cumprimento ou confirmação em um evento de realização), conforme será apontado na análise posteriormente.

Com as considerações acima, então, minha proposta soma-se a outros trabalhos (SAMPAIO *et al*, 2004/2005, SLOBIN, 1996, entre outros), no sentido de que as línguas não se encaixam perfeitamente na divisão dupla proposta por Talmy. Kewitz (2011, p. 94), estudando a representação do movimento no português, aponta alguns exemplos que o caracterizam como pertencente às duas categorias tipológicas:

(29) A pedra *escorregou* colina abaixo [SATELLITE-FRAMED]

(30) A garrafa *flutuou* para dentro da gruta. [SATELLITE-FRAMED]

(31) O guardanapo *soprou* da mesa (com o vento). [SATELLITE-FRAMED]

(32) A garrafa *entrou* na gruta flutuando. [VERB-FRAMED]

(33) *Coloquei* o barril na adega girando-o. [VERB-FRAMED]

(34) *Rolei* o barril para dentro da adega. [SATELLITE-FRAMED]

Aske (1989, p. 03), num estudo sobre Predicados de Trajeto em inglês e espanhol, nota que nesta última, considerada uma língua de frame no verbo, se a expressão do trajeto é atética (isto é, não implica chegada a um destino) então uma construção de frame no satélite é aceitável. Assim, por exemplo, em *El libro deslizó hasta el suelo*, a expressão *hasta el suelo*, representa o satélite que contém a informação principal do evento. Dessa forma, em exemplos como esse, o espanhol assume o padrão tipológico de *frame no satélite*, típico de uma língua germânica.

É válido ressaltar, no entanto, que Talmy (2000, p. 132) fala de um *sistema de divisão* entre as línguas (*split/ complementary system*). Nesse sistema, uma língua pode caracteristicamente empregar um padrão para um tipo de evento de movimento, e um padrão diferente para outro tipo de evento de movimento. Entretanto, ele alega que isso pode representar um custo cognitivo maior (greater cognitive cost) ao falante.

De qualquer forma, pode-se seguramente reconhecer que as línguas não são uniformes quanto à construção da codificação dos eventos complexos. Neste sentido, concordo com as alegações de Berman e Slobin (1994). Segundo eles, “como ressalva geral, deveria ser lembrado que caracterizações tipológicas frequentemente refletem *tendências*, mais do que diferenças absolutas entre línguas”. (BERMAN; SLOBIN 1994, p. 118 *apud* CROFT *et al*, 2010, p. 10)³².

³² Tradução minha

3 O *ATÉ* – ASPECTOS GERAIS

Há bastante tempo as preposições vêm se fazendo presentes na agenda dos estudos linguísticos. Dessa forma, tais estudos têm mostrado que esses itens não servem apenas como elemento de união entre as palavras, mas que se apresentam como elementos vocabulares que exigem um olhar mais atencioso, no sentido de se entender seu comportamento sintático, semântico, discursivo e, inclusive, cognitivo. É sobre este último comportamento que nosso olhar se dirige.

Porém, apesar disso, entendo que a presente pesquisa deve fazer uma incursão, ainda que breve, na propagação linguística ocorrida ao longo dos estudos gramaticais, bem como nos estudos contemporâneos que se debruçam sobre o tema.

Assim, no presente capítulo, num primeiro momento, apresento uma visão baseada nos estudos tradicionais tanto diacrônica quanto sincronicamente. Num segundo momento, faço um esboço dos recentes tratamentos linguísticos conferidos às preposições, especialmente ao item *até*.

3.1 OS ESTUDOS GRAMATICAIS

Esta seção será dividida em duas partes: na primeira apresento um panorama dos estudos das preposições, especialmente do *até*, dentro de uma perspectiva diacrônica. Para isso, faço uso da gramática histórica de Manuel Said Ali (1971), da gramática Philosophica,³³ de Jerônimo Soares Barboza (1830), bem como da gramática de Port-Royal (2001), visto oferecer importante reflexão quanto ao papel das preposições.

Dessa forma, a partir dessa visão, vou oferecer um breve histórico do item *até*, tanto quanto à sua aplicação quanto em relação à sua origem que, como será visto, é bastante controversa. Na segunda parte, os mesmos tópicos serão apresentados, porém, dentro de uma perspectiva sincrônica. Para tanto, faço uso das gramáticas prescritivas como Rocha Lima (1972), Domingos Pascoal Cegalla (2008), Cunha e Cintra (1985), José Carlos de Azeredo (2008), Napoleão Mendes de Almeida (2005) e ainda os estudos descritivos de Moura Neves (2000).

³³ Mantida a ortografia original

3.1.1 A Visão Diacrônica

Sabe-se que entre as preposições e os advérbios há uma relação bastante estreita. Isso pode ser bastante compreensível, uma vez que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. (ALI, 1971, p. 203).

De fato, num estágio mais antigo das línguas indo-europeias, os casos eram suficientes para indicar o sentido, mas, com o passar do tempo, devido ao enfraquecimento daqueles sufixos, ou mesmo devido à necessidade de dar ênfase às relações já expressas por eles, os casos foram fortalecidos com a adição de um *advérbio*, o que determinou o aparecimento de uma nova classe gramatical: *as preposições*. (FARIA, 1944, p. 228). Estas passaram a ser usadas antepostas a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para acrescentar a eles noções de *lugar, instrumento, meio, posse*, etc. Dessa forma, o uso simultâneo de casos e preposições, no latim, se justificava pelo fato do número reduzido de casos ser insuficiente para expressar todas as relações que se desejava, daí a necessidade do emprego das preposições.

Said Ali (1971) alega ainda que grande parte das partículas usadas no latim desapareceu ou perdeu seu valor como preposição. No entanto, algumas dessas partículas passaram ao português e foram classificadas por ele em dois grupos, de acordo com o modo em que foram aproveitadas na língua portuguesa:

1) Preposições que passaram para o português sem alterar sua forma: *ante, contra, de, per*.

2) Preposições que passaram para o português com suas formas modificadas: *ad>a, post>pós; cum>com; inter>antre, entre; sine>sem; trans>trás; pro>por; secundum>segundo; in>en, em; sub>sob, so; super>sobre; e tenus>ataa, até, té*. Esta origem latina de *até*, entretanto não é confirmada pelo autor, visto, segundo ele, haver uma possível filiação desta preposição ao árabe *hatta*. De fato, como veremos logo abaixo, a origem de *até* é, ainda hoje, bastante controversa.

Soares Barboza (1830, p. 345), em sua *Grammatica Philosophica*, também exaltou o valor dessas partículas, conforme caracterizam suas palavras “o que he certo, que a língua portugueza e as mais do meio dia da Europa chegão por meio das preposições a exprimir

com fidelidade, e talvez ainda com mais clareza e distinção todas as relações indicadas pelos casos em outras línguas”³⁴.

Observa-se que algumas das preposições que passaram ao português eram empregadas como no latim, no entanto, outras adquiriram novas aplicações além daquelas antigas. Cada preposição, na verdade, tinha originalmente um sentido delimitado, no entanto, segundo Said Ali (1971) “a associação de ideias tornou possível o alargamento do domínio semântico de algumas a ponto de invadirem umas o domínio das outras e se confundirem por vezes as partículas na aplicação prática.” (SAID ALI, 1971, p. 204). Por essas palavras do autor, percebe-se que, já naquela época, os sinais de flutuação categorial se faziam visíveis. Macedo (1987, p. 123), em seus estudos, também destacava o valor das preposições, tanto pela frequência de seu emprego quanto pela capacidade das mesmas de fazerem distinguir, no texto, construções que, sem elas, seriam ambíguas. Afirmava também, assim como Said Ali, que as preposições podiam ser aplicadas aos três campos: espaço, tempo e noção.

A Gramática de Port-Royal (1992) informa que os casos e as preposições foram inventados para o mesmo emprego, que seria o de indicar as relações que as coisas mantêm umas com as outras. No entanto, chamam também a atenção para o fato de uma única preposição poder expressar mais de uma relação.

Dessa forma, alertavam que a compreensão da proposição era baseada no todo e não apenas no sentido da preposição. Pois, segundo eles, o que parece um vício apresentado por uma língua, é na verdade uma vantagem. Os senhores de Port-Royal esclarecem essa afirmação:

Se cada relação de uma ideia com uma outra tivesse sua preposição, o número delas seria infinito, sem que daí resultasse precisão maior. O que importa se a clareza provenha apenas de uma preposição ou de sua união com outros termos da preposição? O que importa é que o espírito reúna, ao mesmo tempo, todos os termos de uma proposição para concebê-la. Só a preposição não é suficiente para determinar as relações; ela serve então para unir os dois termos: e a relação entre eles é assinalada pela inteligência, pelo sentido

³⁴ Mantida a ortografia original.

total da frase. (ARNOLD; LANCELOT, 2001, p. 197).

Essas considerações já indicavam um prenúncio da importância de se considerar a construção gramatical para a compreensão da significação. Quanto a este fato, Soares Barboza também alertava em sua Gramática Philosophica:

[...] a grammatica pois, que não he outra cousa, segundo temos visto, senão a *Arte que ensina a pronunciar, escrever e falar correctamente qualquer língua*, tem naturalmente duas partes principaes: uma *mechanica*, que considera as palavras como meros vocábulos e sons articulados, já pronuniciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros e do movimento; outra *lógica*, que considera as palavras, não já como vocábulos, mas como signaes artificiaes das idéas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas que nossa alma segue no exercício das suas operações e formação de seus pensamentos [...]. (BARBOZA, 1830, p. 319)³⁵.

Quanto às preposições, o autor as apresenta como uma parte conjuntiva que, colocada entre duas palavras, indica a relação de complemento que a segunda apresenta em relação à primeira. O autor chama a atenção para a importância de não se confundir a relação particular do termo com aquela geral indicada pela preposição, isto é, assim como Port-Royal, postula a necessidade de se considerar a proposição em sua totalidade.

Nesta gramática as preposições são apresentadas segundo as duas relações gerais que os objetos podem estabelecer uns com os outros, a saber: (I) de estado ou existência e (II) de ação e movimento. A primeira por referir-se ao lugar em que alguma coisa está e a segunda por referir-se aos lugares *de onde* uma coisa vem, *por onde* vai e *aonde* vai.

Outro fator em relação ao pensamento de Soares Barboza no tocante às preposições, e que merece destaque, é que, já naquela época,

³⁵ Matida ortografia original

ele vislumbrava as ideias de projeção entre domínios, defendidas hoje nos estudos cognitivistas. Conforme atestam suas palavras:

Toda a acção he hum movimento ou real ou vertical, e todo o movimento tem hum principio d'onde parte, hum meio por onde passa, e hum fim aonde ou para onde se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino tendo sido o de indicar o lugar d'onde começa qualquer movimento, o espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; d'aqui por analogia do espaço local com o espaço tempo, passaram a significar as mesmas relações por ordem ao tempo em que huma cousa começa, pelo qual continua, e aonde termina.

Depois de se considerar o tempo como hum espaço analogo ao do lugar, não é para admirar, que o espírito humano passasse a considerar como huma espécie de espaço abstracto qualquer pensamento, em que se pudesse distinguir uma idea, da qual como de principio fosse discorrendo por outras intermédias para chegar a huma terceira, que se propoz [...].

Daqui vem as differentes acepções, que huma mesma preposição vai tomando, á medida que se applica a ideas mais, ou menos abstractas [...]. (SOARES BARBOZA, 1830, p. 328)³⁶.

Era a noção de espaço sendo estendida à noção de tempo, num processo de abstratização, isto é, a passagem do mais concreto para o mais abstrato.

Quanto à preposição *até*, este autor a enquadra dentro do grupo das preposições que expressam *ação e movimento* numa relação entre termos que expressam as noções de limite de espaço (E), tempo (T) e número (N^o), podendo apresentar-se ainda sem antecedente explícito:

(35) Vou *até* Coimbra, e depois chegarei *até* Lisboa. (E)

(36) *Até* o outro dia. (T)

(37) Levava *até* mil soldados. (N^o)

³⁶ Mantida a ortografia original

Aparece também o emprego de *até* em construção com uma forma nominal infinitiva:

(38) He necessário *pelejar até* vencer.

Soares Barboza chama atenção para o emprego de *até* enquanto advérbio. Ele atesta que esta preposição parece advérbio, “em lugar de *ainda*, nestas e semelhantes phrases:

(39) *até os mais vis homens ousavam ludribial-o;*

(40) *fazendo particulares tractados até dos ditos breves;*

(41) *as obras do victorioso e favorecido da fortuna até para cantar são Gostasas.*

Porém não é; mas sim a mesma preposição que serve de remate e complemento a uma série total de indivíduos, entendendo-se-lhes antes todos, tudo, como:

(42) *todos continuamente, até os mais vis ousavam, etc.*

(43) *Fazendo particulares tractados de tudo, até dos ditos breves;*

(44) *as obras do victorioso [...] são gostosas para tudo, até para cantar*”. (SOARES BARBOZA, 1830, p. 333).

Quanto à sua origem, o *até* é bastante controverso, conforme já apontamos anteriormente. Isso ocorre porque se fala de uma associação com a partícula espanhola *hasta* originada do árabe *hatta*. De fato, a etimologia mais antiga e divulgada, segundo Viaro (2011), aponta para uma origem árabe.

No entanto, essa hipótese foi refutada por Silva Neto (1952) que supunha que *teen* e, sobretudo *teens* eram derivadas da forma **tenes* do latim *tenus*, que significava ‘até’. Dessa forma, propôs *ad tenus* como origem etimológica para o *até*. No entanto, nem uma das duas hipóteses parecia sustentar a origem de *até*.

Na hipótese da etimologia árabe, de acordo com Viaro, haveria muitos problemas de ordem fonética que não tinham como ser explicados. E, segundo o autor, a hipótese de Silva Neto, que apontava para uma origem latina, se constituiria em um *preciosismo* do português, visto que o étimo *tenus*, do latim clássico, segundo o autor, era raro e, seu vestígio no português seria uma exceção entre as línguas românicas.

Em resumo, Viaro alega ter encontrado em textos dos séculos 13 e 14 as variantes *ta, ata, tra, atra, te, ate, teen, ateen, ateens, tro, troa, troen e troes*. O que nos coloca, segundo o autor, bem longe dos étimos propostos para o nosso *até*. O autor leva mais além a sua pesquisa em textos antigos, e aponta as formas *intra/intro*, encontradas, também, na Península Ibérica. Assim, até o momento, pode-se especular uma origem para *até* advinda das formas *hatta, ad tenus e intra/intro*.

Quanto à influência árabe em nossa língua, Viaro não a nega, mas alega que “precisa ser mais bem estudada e não mitificada, senão estaremos sempre diante de explicações dogmáticas em etimologia.” (VIARO, LP, p. 57)³⁷.

Ilari *et al* (2008, p. 760), também alegam ser difícil determinar a etimologia de *até*. Para eles:

É possível que *até* tenha sido derivada do árabe *hatta*, o que pode ser comprovado por analogia com o espanhol *hasta* e pelo fato de não haver, em latim, nenhuma palavra com forma análoga que expresse a ideia de “limite final”, como o faz *até*. O que se tem em latim são duas formas, *ad* + *tenus*, que podem ter sido combinadas para originar *atees* em português arcaico e *até* em português contemporâneo.

Enfim, parece que a origem verdadeira de nosso objeto de estudo ainda é um mistério a ser desvendado.

3.1.2 A Visão sincrônica

Nesta seção apresenta-se um panorama das preposições, dentro de uma perspectiva sincrônica, com atenção especial ao item *até*. Esse panorama será obtido por meio de consultas a algumas gramáticas prescritivas e estudos descritivos.

Sabe-se que a gramática tradicional tem a sua origem pautada em uma vertente grega e foi criada com o objetivo de oferecer os padrões linguísticos das obras de escritores tidos como consagrados. Sendo assim, limitava-se à língua escrita, mais precisamente à literária, mantendo como interesse principal que era “estabelecer as regras ditas melhores, para a língua escrita, com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus mais bem acabados usuários, os chamados grandes escritores, tanto poetas quanto prosadores”. (MATTOS E SILVA, 2002, p. 12).

E, ainda hoje, as nossas gramáticas tradicionais manifestam essa preferência literária, visto que valorizam o dialeto padrão e excluem as demais variedades, consagrando-se assim, muitas vezes como um modelo separatista, tanto no estudo de seus níveis gramaticais quanto no

³⁷ Revista Língua Portuguesa Ano 6. No 71 set. 2011

seu papel social. É dentro dessa visão que os estudos realizados sobre as preposições nas obras tradicionais caracterizam-nas, muitas vezes, sob critérios vagos e imprecisos. Serão vistas abaixo algumas dessas caracterizações, atentando especialmente para o item *até*.

Almeida (2008) explica que tanto a preposição quanto a conjunção são *conectivos*, isto é, são classes que desempenham função de ligação. No entanto, estabelece uma diferença entre elas: “A *preposição* liga palavras (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo etc.), ao passo que a *conjunção* liga orações”. (ALMEIDA, 2008, p. 334). Conceitua a preposição como palavra invariável cuja função é ligar o complemento à palavra completada. Explica que tais palavras se denominam *preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) visto que colocam na frente de uma palavra outra que a completa. Quanto à distribuição sintática, explica, a preposição se coloca entre os dois termos por ela ligados, a saber, um *antecedente* ligado a um *consequente*.

Assim como outros gramáticos, (ALMEIDA, 2008) classifica as preposições em i) *essenciais* – aquelas que só desempenham a função de preposição (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás*); ii) *acidentais* – são palavras de outras classes que eventualmente são empregadas como preposição (*conforme, consoante, durante, exceto, fora, afora, mediante, menos, salvante, salvo, segundo, tirante*). Quanto à semântica das preposições, diz o autor que elas não possuem significação intrínseca, mas que seu valor é relativo ao verbo com que são empregadas, isto é, que o significado da preposição depende da expressão em que aparece. Enfatiza, portanto, que as preposições do português não possuem significado fixo.

Em relação ao *até*, o autor explica que, quando liga dois termos, é preposição: “Foi *até* o cemitério”. Mas que quando é empregado no sentido de *mesmo, ainda* é advérbio: “Podíamos *até* vender a casa.” Aparece ainda a expressão *até que*, classificada como *conjunção subordinativa temporal*: Trabalhe *até que* eu mande parar.

Para Cunha e Cintra (1985), “chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 542).

São também divididas em *essenciais* e *acidentais* e, de acordo com os autores, as relações estabelecidas por elas implicam *movimento* ou *não movimento*, isto é, podem exprimir um movimento ou uma

situação dele resultante: Vou *a* Roma (Movimento); Concordo *com* você (Não movimento). Quanto a isso, enfatizam que na expressão de relações preposicionais que indicam movimento, importa que se leve em conta um ponto limite (A), ao qual o movimento se aproxima ($B \rightarrow A$) ou de afastamento ($A \rightarrow C$). É importante considerar que os autores postulam para as preposições um *conteúdo significativo fundamental* que se aplica aos campos do espaço, tempo e noção:

[...] embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 544).

Quanto ao *até*, os autores qualificam como uma preposição que expressa movimento com aproximação de um limite i) no espaço: *Arrastou-se até ao quarto*. (U. Tavares Rodrigues, PC, 160); ii) no tempo: *Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro até a semana que vem*. (C. Drummond de Andrade, CB, 121).

Os autores afirmam ainda que certos usos de *até* são imprópriamente classificados entre os advérbios³⁸ como em: *Tudo na vida engana, até a Glória*. (A. Nobre, D. 114), nesse caso, o *até* expressa inclusão, assim como: inclusive, mesmo, também, etc., e deve ser classificado como *palavra denotativa de inclusão*.

Para eles, classificar este uso de *até* como advérbio seria inadequado, visto que não modifica o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio, características típicas da classe dos advérbios. Por fim, alegam que esse uso de *até* é por vezes de difícil classificação, isto é, se preposição ou advérbio, portanto, convém dizer apenas, segundo eles,

³⁸ Quanto a isso, os autores alertam: Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversa. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação do seu léxico linguístico. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 530).

“palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação, etc”. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 541).

Cegalla (2008, p. 268) classifica a preposição como “palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.” Os termos dependentes podem ser objetos indiretos, complementos nominais, adjuntos, etc., e ainda orações subordinadas. O autor sintetiza que preposições são *conectivos subordinativos*.

Quanto às relações expressas, o autor explica que, isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, ainda que algumas delas apresentem uma vaga noção de tempo e lugar. É na frase, portanto que, segundo ele, as preposições expressarão as mais variadas relações, tais como: *assunto, causa, companhia, especialidade, direção*, tempo, lugar, etc. Classifica-as, ainda, em essenciais e acidentais.

Em relação ao *até*, a única referência que se encontra é sua classificação dentro das *preposições essenciais* (as que sempre foram preposições) e que pode funcionar como palavra denotativa de inclusão: *Os ladrões roubaram-lhe até a roupa do corpo*.

Em Bechara (2001), as preposições são classificadas como unidades linguísticas desprovidas de independência:

[...] que se unem a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcarem as relações gramaticais. Dessa forma, não exercem outro papel a não ser o de indicar a função gramatical do termo que introduzem. Entretanto, o autor alerta quanto ao significado das preposições. Ele explica que as preposições possuem um significado unitário, que não deve ser confundido como único, uma vez que este significado unitário pode se desdobrar em outros significados dependendo do contexto em que cada preposição aparece. (BECHARA, 2001, p. 298).

Do ponto de vista semântico, o sistema preposicional do português é caracterizado quanto à *dinamicidade* e *estaticidade*. No grupo das preposições que expressam dinamicidade enquadram-se: *até, a, contra, para, por, de e desde*. Esse grupo é ainda dividido por dois subgrupos. O primeiro de movimento de aproximação ao ponto de chegada: *até, a, contra e para*. O segundo de afastamento: *de e desde*. No grupo, que expressa estaticidade, estão as preposições: *ante, trás, sobre, com, sem, em e entre*.

O *até* é classificado como uma preposição *essencial*, que apresenta traços semânticos de dinamicidade com aproximação ao um término e marcando o limite de chegada. Entretanto, o autor, alerta que *é preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão até que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de “inclusive”, “também”, “mesmo” e “ainda”. A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto* (BECHARA, 2001, p. 311).

(45) *Ele chegou até mim.*

(46) *Até eu recebi o castigo.*

Moura Neves (2000), em sua *Gramática de usos do português*, apresenta as preposições como “palavras que pertencem à esfera semântica das relações e processos”, que funcionam especificamente na junção dos elementos do discurso. Dessa forma, alega que as preposições, assim como as conjunções coordenativas e subordinativas, ocorrem numa determinada parte do texto indicando a forma como se ligam as porções que se sucedem.

A preposição *até*, na visão da autora, funciona:

i) No sistema de *transitividade que introduz complemento locativo do verbo*.

(47) *Oscilavam entre o real e o irreal: ora nossas carteiras e cama iam até o campo e ao mar.* (CF)

ii) Fora do sistema de transitividade, estabelecendo *relações semânticas*, que podem ser limite de lugar, tempo ou numérico. Explicitam-se abaixo, respectivamente:

(48) *Seguia-a, até a uma mangueira enorme.* (ID)

(49) *O Afraninho até hoje mal contém o susto.* (CF)

(50) *O produto custa até quatro vezes mais.* (AGF)

Na indicação de tempo, é possível ocorrer a estrutura *verbo+ até+ oração infinitiva*:

(51) *Tomávamos um, dois, três, até doer o céu da boca.* (CF)

Ou ainda a estrutura *que + oração com verbo finito*:

(52) *Esse suplício durou anos até que um dia [...] apareceram os costumeiros agozoes.* (CF). (NEVES, 2000, p. 625).

A autora enquadra ainda o *até* na classe de *advérbios de inclusão* e estabelece que eles podem ser de dois tipos: i) inclusão com exclusividade (*exclusivamente, somente e apenas*); ii) inclusão com incorporação de outros elementos, no caso de *até* e de *também*:

(53) *Eu soube até que ele vai usar palmatória em quem agir contra os interesses do município.*

Mais adiante, a autora apresenta a expressão *até que* como *locução conjuntiva temporal*:

(54) O problema fica relegado ao abandono e – *até que* ocorra nova desgraça - ninguém fala mais no assunto. (NEVES, 2000, p. 789).

Assim, encerro esta seção sobre os estudos tradicionais. Quanto ao item *até*, a descrição feita aponta que as gramáticas tradicionais reconhecem seus diferentes comportamentos, que ora se apresenta como preposição, ora como advérbio ou ainda como partícula denotativa de inclusão.

Há ainda autores como Cunha e Cintra que não são a favor de uma classificação de *até* como advérbio, uma vez que não modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio, e caracterizam esse uso do *até* como de difícil classificação. O que se pode ver, portanto, é que o *até* recebe diferentes classificações morfológicas por parte das gramáticas tradicionais, no entanto, suas motivações sintático-semântico-pragmáticas não são consideradas.

3.2 ESTUDOS DESCRITIVOS SOBRE AS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS

O caráter prescritivo e a inconsistência teórica da gramática tradicional, como visto acima, têm despertado o interesse de pesquisadores de diferentes abordagens teóricas. Quanto ao estudo das preposições, essas pesquisas têm sido bastante fecundas. Entre elas, destacamos os trabalhos de Ilari e Geraldi (1990) e o importante trabalho de Ilari et al (2008), que nos apresenta uma excelente exposição sobre o sistema preposicional do Português Brasileiro. Veremos abaixo como esses autores nos apresentam as preposições e, em especial, o item *até*.

Ilari e Geraldi (1990, p. 77) alegam que “as gramáticas tradicionais definem as preposições como “palavras de relação por excelência” no âmbito da oração simples, e não hesitam em classificar entre as preposições a palavra *até*, apontando-a, aliás, como um bom exemplo daquela classe de palavras.” De fato, explicam os autores, em alguns de seus empregos, o *até* possui tipicamente a função de relator, como em:

(55) *A BR 101 vai de Porto Alegre até Belém do Pará.*

Neste caso, não há dúvida de que o *até* marca a relação de regência entre o verbo e o sintagma nominal. No entanto, ressaltam os

autores, a noção de relator torna-se insuficiente na análise de casos como:

(56) *Até o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço.*

Está claro que, neste caso, o item *até* não está relacionando termos, além do fato de que ele precede sujeito da oração, único termo integrante que nunca pode aparecer preposicionado. Para tal emprego, os autores propõem uma análise dentro da Semântica Argumentativa, segundo a qual o *até* apresenta um efeito de sentido em termos de valor escalarizado.

Assim, explicam que o *até* possui uma força argumentativa alta na escala da classe argumentativa e que, por exemplo, em (60), o papel específico de *até* é apontar que o resto da oração “verbaliza um argumento que, numa hierarquia admitida pelo locutor e em relação à conclusão visada, tem posição elevada”. (ILARI; GERALDI, 1990, p. 80).

Dessa forma, os autores explicam que em (60), acima, que veicula um conteúdo argumentativo, o *até* apresenta-se como o argumento mais forte na escala argumentativa em favor da tese defendida pelo locutor. Esta tese poderia demonstrar que: i) as autoridades prestigiam o heroísmo dos humildes; ii) as autoridades não perdem oportunidades para desperdiçar em iniciativas demagógicas o tempo que deveriam reservar ao trato da coisa pública; ou ainda que, iii) a morte do bombeiro repercutiu profundamente na opinião pública, ou ainda outras possíveis.

Portanto, segundo os autores, os recursos às noções da semântica argumentativa são relevantes à medida que oferecem uma explicação para os fatos cujas classificações tradicionais, ou mesmo algumas análises semânticas, muitas vezes, mostram-se insuficientes.

Ilari *et al* (2008) também se reportam à insuficiência dos estudos tradicionais no trato com as preposições:

Tradicionalmente, a classe das preposições tem sido tratada pelas gramáticas como uma lista de poucos membros. Por exemplo, a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley-Cintra, trata no capítulo das preposições apenas de 17 palavras: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre e trás*. O tratamento

dispensado pelas gramáticas às preposições é ao mesmo tempo sumário e detalhista: as palavras identificadas como preposições, depois de receberem uma caracterização sintática muito genérica (geralmente como “palavras que relacionam palavras”), são consideradas uma a uma, numa análise que enumera seus diferentes sentidos. (ILARI *et al*, 2008, p. 624).

Assim, para esses autores, uma das falhas que este tipo de abordagem apresenta é a dificuldade de oferecer um tratamento mais apurado das preposições, que não seja apenas a enumeração interminável dos diversos sentidos que as preposições assumem nos diferentes usos e contextos.

Para eles, uma análise deste tipo sugere que as preposições são muito semelhantes do ponto de vista sintático e que cada uma delas apresenta uma variedade de empregos e sentidos que nada têm de comum entre si, em outras palavras, pode-se entender que, para eles, as preposições operam em relação de homonímia.

Referem-se, ainda sobre a classificação das preposições como pertencendo a uma classe fechada de palavras, que essa classificação é de alguma forma uma representação advogada pelas gramáticas, que viram na classe das preposições uma estabilidade tal que se propuseram a enumerá-las:

Os gramáticos caracterizam um certo conjunto de elementos linguísticos como preposições, e outros elementos linguísticos que funcionam como uma preposição não são interpretados como tais, porque não correspondem a nenhum dos elementos da lista de preposições fornecida pelas gramáticas. (ILARI *et al*, 2008, p. 629).

Não negam, no entanto, a estabilidade encontrada nas classes ditas “fechadas”, mas apesar disso, garantem que essas classes nem sempre foram como são hoje, visto que uma pesquisa histórica da língua apontará que essas classes realmente passaram, e ainda passam, por mudanças, na medida em que perdem elementos antigos e recebem elementos novos.

O que ocorre, entretanto, é que as mudanças ocorridas nas classes fechadas são muito mais lentas que aquelas ocorridas nas classes abertas, mas, dado que essas classes também estão sujeitas à

incorporação de membros novos, segundo os autores, o certo é que se considere as diferenças entre essas classes não como uma questão de tudo ou nada, mas ao longo de um gradiente em que *as classes abertas têm alta possibilidade de criação de novos membros, e as fechadas, baixa possibilidade.* (ILARI *et al*, p. 630).

Outra ponderação feita pelos autores é quanto à classificação das preposições, normalmente proposta nos compêndios gramaticais, como sendo *palavras vazias de sentido*, ou ainda meros *elementos relacionais*. Segundo eles, essa é uma concepção bastante equivocada das preposições, visto que se uma preposição fosse vazia de sentido ou servisse apenas para relacionar um termo a outro, uma preposição apenas seria suficiente na língua, já que sua função seria sempre a mesma.

No entanto, não é o que acontece, uma vez que é justamente a preposição o elemento que, na maioria das vezes, acarreta a mudança de sentido. Assim, a sentença “Estou *com* dinheiro” é completamente diferente (na verdade é oposta) de “Estou *sem* dinheiro”. Essa é, no entender dos autores, uma das razões para que as preposições não sejam consideradas como “mero instrumento gramatical” ou elemento “vazio de sentido”.

Os autores oferecem uma proposta de classificação para as preposições bastante diferente. Para tanto, eles mostram que as preposições possuem um sentido de base, que é o da representação das entidades no espaço (real ou imaginário). Este sentido espacial básico deriva, inicialmente, de nossas experiências no espaço e, a partir dele, por um processo de gramaticalização, novos sentidos podem se desenvolver.

Dessa forma, os autores classificam as preposições como *mais gramaticalizadas* e *menos gramaticalizadas*, dispondo-as numa escala, conforme especificado no quadro a seguir:

Quadro 3

Menos gramaticalizadas	Mais gramaticalizadas
(-) ← GRAMATICALIZAÇÃO → (+)	
Contra < sem < até < entre sobre sob	Por < com < a < em < de para

39

A preposição *até*, neste quadro, encontra-se entre as menos gramaticalizadas, isso ocorre, segundo os autores, porque esta preposição não pode ser amalgamada a outros itens lexicais e seu valor semântico (limite final) é bastante claro.

Neste mesmo trabalho, os autores elaboram uma abordagem cognitivista para a classe das preposições, onde propõem que o espaço, o movimento, o trajeto e a ligação constituem esquemas imagéticos⁴⁰ que os falantes empregam para ter uma percepção de si mesmos e do ambiente em que vivem. Abordam especialmente os esquemas imagéticos de natureza espacial, visto ser o espaço uma experiência humana primordial, na qual convergem (i) a percepção da capacidade de movimento corporal e (ii) a percepção das coisas que rodeiam o ser humano como entidades únicas.

Dentro desse enfoque cognitivo, os autores, baseados na análise das preposições do português, apontam que são quatro os esquemas espaciais usados na organização dos diferentes usos que situam um elemento a outro no espaço, a saber: (i) o esquema do trajeto (por ser responsável pela estruturação da maior parte das preposições, é o mais produtivo), (ii) o esquema de em cima/embaixo, (iii) o esquema da caixa e (iv) o da ligação.

Os autores alertam ainda que “a relação espacial conceitualizada pela preposição pode apresentar ou não mudanças ao longo do tempo, o

³⁹ Neste quadro, a seta bidirecional indica que o processo de gramaticalização deve ser compreendido como um continuum, não como uma alternativa bipolar. Os sinais “<...<” indicam a gradação da gramaticalização.

⁴⁰ *Esquemas imagéticos* são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corpóreas, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo. (FERRARI, 2011, p. 86).

que leva a distinguir esquemas imagéticos estáticos e esquemas imagéticos dinâmicos.” (ILARI *et al*, 2008, p. 650).

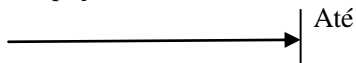
Visualiza-se abaixo um quadro elaborado pelos autores que apresenta a distribuição das preposições em relação aos esquemas que cada uma ativa:

Quadro 4

<p>1) Esquema do trajeto: <u>Dinâmico</u> (deslocamento do elemento):</p> <p>(i) Origem: de/desde; (ii) Percuso: por; (iii) Destino: a / para; (iv) Limite final d destino: <i>até</i></p> <p><u>Estático</u> (posição do elemento no espaço):</p> <p>(i) Anterior: ante, perante; (ii) No meio: entre; (iii) Posterior: após, atrás.</p>
<p>2) Esquema de em cima/embaixo:</p> <p>(i) Em cima : sobre (ii) Embaixo: sob</p>
<p>3) Esquema da caixa: (i) Em (dentro)</p>
<p>4) Esquema da ligação (ou presença simultânea num mesmo espaço): (i) Com / sem</p>

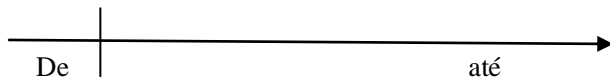
Quanto ao *até*, os autores apresentam como uma preposição que ativa o *esquema de trajeto*, que indica o deslocamento de um elemento ao *limite final* de um destino, conforme se verifica no quadro acima. Assim, eles propõem o modelo cognitivo do espaço e a ideia de limite final que podem orientar na representação gráfica do significado de *até*:

No espaço dinâmico:



(57) O ano passado, nós fomos *até* Aracaju pra participar de um congresso. [D2 POA 283].

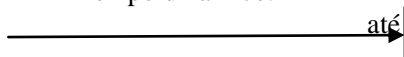
No espaço estático: de modo que o espaço delimitado funciona como um *container*, desde que circunscrito através das preposições *de* e *até*.



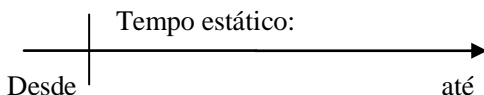
(58) Aqui no Rio eu acho, por exemplo, eu gasto por dia *da* Tijuca *até* aqui, *daqui até* a Gávea e voltar pra casa eu gasto em média setenta quilômetros. [D2 RJ 158].

Este mesmo esquema de *espaço*, no entender dos autores, pode também ser transposto para o *tempo* em que se tem um percurso ao longo da linha do tempo (dinâmico) e um recorte de um período de tempo, no caso, delimitado pelas preposições *desde* e *até* (estático).

Tempo dinâmico:



(59) Em Salvador eu achava completamente diferente porque era o comércio normal *até* seis da tarde. [D2 RJ 158].



(60) Eu tenho filhos desde oito anos *até* dezesseis anos. [D2 SP 255].

Os autores atestam ainda alguns usos de *até* com valores escalares. São usos abstratos e podem ser chamados de “argumentativos” visto poderem, muitas vezes, ser intercambiáveis por até mesmo, neste caso, dizem que o *até* não é preposição é, antes, um advérbio.

Escala:



(61) Nunca admiti essa separação, às vezes até agressiva, de uma religião para a outra. [DID POA 6].

Os autores enfatizam que, por mais abstrato que seja o uso de *até*, o sentido de limite final sempre estará presente, e que pode ser até mesmo usado com valor de advérbio, sem relacionar dois itens lexicais,

visto que seu valor semântico é bastante saliente, como é o caso em: falou, falou, falou até.

E assim, encerro este capítulo no qual procurei apresentar, ainda que não exaustivamente, uma visão tanto diacrônica quanto sincrônica sobre as preposições, especialmente sobre a preposição *até*.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Apresento abaixo o capítulo em que busco caracterizar a preposição *até* como um satélite na expressão da informação principal de macro-eventos.

4.1 METODOLOGIA

O corpus da análise será composto por 70 exemplos colhidos na internet, visto que, como mencionado na introdução, a linguística cognitiva busca sempre analisar exemplos baseados no uso real da língua. A coleta dos dados foi feita por meio da inserção, no campo de busca, de verbos de ação como *espancar*, *sufocar*, *trabalhar*, *surrar*, *triturar*, etc., seguidos da partícula *até*. Para a análise foram coletados apenas os exemplos que apareceram nas duas primeiras galerias. Os exemplos em que o *até* aparecia com o sentido claro de limite de tempo, espaço, numérico, ou ainda, sentido adverbial, por não interessarem à análise, foram descartados. Após a coleta dos dados, os mesmos foram analisados e discutidos de acordo com a teoria proposta.

Como os exemplos são todos enunciados reais veiculados na internet, muitos deles apresentam nomes completos de pessoas. Neste caso, com o propósito de preservar a identidade dessas pessoas, deliberadamente empregarei nomes fictícios.

Conforme apontei em 2.3.1, a realidade se apresenta num contínuo, isto é, numa sequência de eventos, e a nossa mente é que faz os recortes dessa realidade em porções individuais. Assim, alguns exemplos analisados poderão apresentar uma sequência de três ou mais eventos; no entanto, vou analisar apenas as sequências que considero ser macro-eventos, isto é, aquelas que apresentarem dois eventos expressos em uma só oração.

Outro ponto que quero deixar claro, é que, apesar das controvérsias quanto ao estatuto categorial do infinitivo⁴¹, neste trabalho vou assumi-lo como uma *forma nominal*. Assim, tanto expressões como *Lutou até a morte* quanto *Lutou até morrer*, serão consideradas como uma única oração.

Enfatizo mais uma vez que, apesar de a teoria com que ora trabalho apresentar cinco tipos diferentes de macro-eventos gerados pela

⁴¹ Segundo Machado (2012, p. 09), o infinitivo é uma categoria que pode ocorrer nas línguas tanto como nome quanto como verbo.

integração sintática e conceitual de eventos complexos, a presente pesquisa focalizará apenas os macro-eventos que representam MUDANÇA DE ESTADO e de REALIZAÇÃO, visto que a maior frequência de ocorrências do *até* em eventos integrados enquadram-se dentro dessas duas categorias.

Os primeiros exemplos analisados seguirão a primeira forma de eventos de MUDANÇA DE ESTADO especificada em 2.6.2, acima. Serão, portanto, aqueles cujos esquemas centrais vêm apresentados por uma *preposição*, que representa o tipo de transição, mais um *substantivo*, que nomeia o estado.

É importante lembrar que para Talmy, na construção do macro-evento, a expressão formada pela *preposição* + *substantivo* deve ser interpretada como um *satélite frame*. Primeiramente serão analisadas as sentenças Não Agentivas. Neste sentido, considera-se os sujeitos como causativo, mas não Agentivos, isto é, observa-se que o Agente não teve a intenção de praticar nem a ação desempenhada pelo verbo, nem o resultado daquela ação.

Assim, por exemplo, quando dizemos que alguém *engasgou até a morte* podemos entender que tal sujeito, de alguma forma, *desencadeou* aquela ação informada pelo verbo, mas não podemos presumir que ele tenha deliberadamente *praticado* tal ação. Para a análise das sentenças não agentivas, me basearei no esquema proposto por Talmy (2000, p. 240) para este tipo de análise:

[He “MOVED” TO DEATH] WITH-THE-CAUSE/MANNER-OF [he choked on a bone]

He died [EP] because [RS] he choked on a bone [Co-evento de CAUSA]

A tradução para essa sentença em português é:

[Ele morreu] PORQUE [ele engasgou com um osso]

EP

RS

CE-Causa

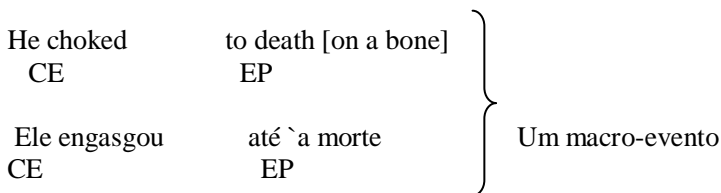
Ele morreu

Ele engasgou com um osso

} Dois eventos simples

Ele morreu [EP] porque [RS] ele engasgou com um osso [CE-CAUSA]

→ Um evento complexo



O esquema acima conforme se observa, apresenta o evento principal [EP], a relação de subordinação [RS] e ainda o co-evento [CE], que expressa a causa ou modo em que o evento principal ocorreu, isto é, ele representa os elementos de um evento complexo.

Entretanto, ressalto que, em função da quantidade de exemplos que analiso neste trabalho, foi necessário que eu fizesse alguma alteração neste esquema com vistas a dar conta da análise sem que, a cada exemplo, fosse necessário repetir o mesmo esquema, o que, por sua vez tomaria um espaço maior no trabalho, além de tornar sua leitura cansativa. Portanto, o esquema adaptado se apresentará da seguinte forma:

[sujeito “MOVEU-SE” ATÉ...] POR CAUSA DE/PORQUE [CAUSA/MODO]

Assim, em cada grupo de exemplos analisados, serão substituídos apenas os elementos que indicam a mudança de estado e a *causa* ou o *modo* dessa mudança de estado. Dessa forma, por exemplo, sentenças como “Ele embriagou-se até a morte”, serão assim representadas pelo esquema do evento complexo⁴²:

[Sujeito morreu] porque [ele se embriagou]

Importa lembrar que o verbo MOVE, referente à mudança de estado, deriva cognitivamente de mudança de lugar, visto que, conforme citado na seção 2.6, assim como ocorre nos eventos de movimento, nos eventos de mudança de estado também há um ‘movimento’ para *sair* de um estado e *entrar* em outro.

⁴² Ênfase que a integração de um macro-evento sempre expressa virtualmente o mesmo conteúdo do evento complexo.

Ainda, para as sentenças não agentivas, usarei também o esquema abaixo (mencionado em 2.6.2), que apresenta a forma esquemática de um evento complexo cujo SN é usado para representar ‘o estado do SN’.

[The Wood chips “MOVED” REDUCTIVELY TO a STATE [BEING a pulp]] WITH-THE-CAUSE-OF [they boiled].

The wood chips boiled down to a pulp.⁴³

Fica assim a adaptação proposta para a presente análise:

[Sujeito “MOVEU-SE REDUTIVAMENTE A um ESTADO [SN]] PORQUE [CAUSA].

Num segundo momento, serão analisadas as sentenças Agentivas. Nessas, o verbo refere-se a uma situação em que um Agente *pretende e executa* o que pode ser tomado como uma ação simples. Uma característica deste padrão é que o escopo da intenção do Agente estende-se somente sobre a ação em si e não, além disso.

Dessa forma, a ação executada pode ser conceitualizada como uma ação qualitativamente unitária. Sob esta conceitualização, na sentença *O padrasto espancou a menina até a morte*, o referente do verbo *espancar* é considerado como um ato unitário que consiste em *um Agente batendo voluntariamente com o seu pé ou mão, ou ainda com um instrumento, a partir de uma região próxima de seu corpo através do espaço impactando com outro objeto*⁴⁴, em que o Agente pretendeu essa sequência inteira mas não qualquer consequência além dela.

Verbos com esse padrão de lexicalização semântica são denominados por Talmy (2000) de *verbos de realização intrínseca* (*intrinsic-fulfillment-verb*). No entanto, alertamos para o fato de que os exemplos analisados podem sinalizar que o agente, além da ação praticada, pode ter pretendido, também, o resultado desencadeado pela ação indicada pelo verbo, no caso, a morte da pessoa espancada.

Desse ponto de vista, a análise em questão deveria ser empreendida também a partir de um ponto de vista pragmático, o que não será feito aqui, visto fugir do escopo do presente trabalho.

Voltando ao padrão verbal descrito acima, segundo Talmy (2000, p. 263) “ [...] a adição de um satélite traz um incremento semântico que

⁴³ As lascas de Madeira ferveram até virar uma polpa. (tradução minha).

⁴⁴ Adaptado de Talmy (2000, p. 263), para o referente do verbo *kick*: Agent volitionally thrusting her foot from a more body-proximal location through space into impact with another object.

é completamente extrínseco ao conteúdo referencial do verbo”. Sendo assim, por exemplo, ao adicionarmos a expressão *até à morte* ao verbo *espancar*, adicionamos o significado do satélite ao significado do verbo. Dessa forma, o ato de *espancar* passa a ser compreendido como o *causador* da mudança de estado em questão. Ao satélite que mantém essa relação semântica com o verbo, o autor nomeou *satélite de evento adicional* (*further-event satellite*), ou seja, aquele que complementa o sentido do verbo.

A análise das sentenças agentivas também se baseará no esquema proposto por Talmy para este tipo de sentença, a saber:

[I “_AMOVED” him TO DEATH] WITH-THE-CAUSE/MANNER [I burned him]⁴⁵.

[I burned him to death]⁴⁶.

Para a análise de Agentivas em que a mudança de estado ocorre de forma gradual, empregaremos o esquema abaixo:

[I “MOVED” REDUCTIVELY the wood chips TO a STATE [BEING a pulp]] WITH-THE CASE-OF [I boiled them].

[I boiled the Wood chips down to a pulp]⁴⁷.

Também para evitar repetições e por economia de espaço, assim como se procedeu para o esquema das sentenças não agentivas, o esquema para a análise das sentenças agentivas também foi adaptado, a fim de melhor procedermos à análise. Dessa forma, proponho um esquema geral que pode ser aplicado a todos os exemplos, mudando-se apenas as expressões que diferenciam um exemplo de outro. Ficam assim os esquemas adaptados:

[Sujeito “agente MOVEU” sujeito paciente ATÉ...] POR CAUSA/ PORQUE [CAUSA/MODO]

[Sujeito Agente “MOVEU REDUTIVAMENTE sujeito paciente A um ESTADO [SN]] PORQUE [CAUSA]. Nesse esquema, há explicitamente um sujeito que age e cuja ação praticada opera uma mudança de estado em um ser que é paciente da ação.

⁴⁵ [EU agente o matei] POR CAUSA/PORQUE [eu o queimeei].


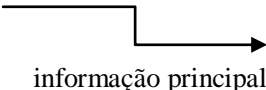
⁴⁶ Eu o matei queimando-o.

⁴⁷ Fervi as lascas de madeira até virarem uma polpa.

4.2 A PREPOSIÇÃO *ATÉ* COMO ELEMENTO INTEGRADOR DE EVENTOS

Conforme aleguei nas seções anteriores, na construção do macro-evento, o esquema central aparece no *verbo principal* nas línguas de frame no verbo, mas no *satélite* nas línguas de frame no satélite.

Abaixo, somente com o propósito de lembrar, retomo dois exemplos anteriores que especificam estes dois padrões, o português e o inglês, respectivamente:

- (1) A menina *entrou* *correndo* na sala.
 principal  Verbo na expressão da informação principal
- (2) The girl run *into the room*. [A menina correu para dentro da sala.]
 Satélite na expressão da informação principal

Passo agora à análise dos exemplos em que procuro demonstrar que o português, em certos usos da preposição *até*, assume o padrão de frame no satélite, isto é, a preposição *até* corresponde a um satélite que expressa o esquema central da proposição.

4.2.1 O *até* na construção de macro-eventos de mudança de estado

Primeiramente, vou apresentar as sentenças cuja relação de apoio é a CAUSA, seguidas imediatamente pelas sentenças que apresentam como relação de o MODO.

I Sentenças não agentivas – Relação de apoio: CAUSA

1. Verbo *engasgar* + expressão *até a morte*

[sujeito morreu] POR CAUSA DE/PORQUE [ele engasgou[...]]

- 1.O garoto engasgou até a morte tentando engolir uma pílula.
- 2.Homem se engasga até a morte com o próprio vômito enquanto dormia.
- 3.Durante um churrasco, um homem de 56 anos engasga até a morte com um pedaço de carne.

4. Bernardo Antônio disse a um repórter que Carlos "provavelmente **engasgou até morte** com um sanduíche".

5. A pobre coitada comeu um chocolate e engasgou até a morte.

6. Após servirem o fiscal, ele **engasgou até à morte** imediatamente.

Em cada um dos exemplos, há a ocorrência de dois eventos simples:

O SN engasgou.

O SN morreu.

Um evento complexo:

O SN morreu [EP] porque [RS] engasgou [CE] [com algum instrumento].

Um macro-evento:

O SN engasgou até à morte. Em que:

Até à morte [EP- expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

O SN engasgou [CE- expressa a relação de CAUSA].

2. Verbo embebedar + expressão até a morte

[sujeito morreu] POR CAUSA DE/PORQUE [se embebedou].

7. Depois, é uma cidade de estudantes, inclusive já teve estudantes que se embebedaram até à morte, há outros que são capazes [...].

8. Ganhou prêmio no Irish Sweep e embebedou-se até à morte, pobre homem!

Dois eventos simples:

SN embebedou-se.

SN morreu.

Um evento complexo:

SN morreu [EP] porque [RS] embebedou-se. [CE]

Um macro-evento:

SN embebedou-se até à morte. Em que:
 Até à morte. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].
 SN embebedou-se. [CE - expressa a relação de CAUSA].

3. Verbo trabalhar + expressão até a exaustão

[sujeito exauriu-se] POR CAUSA DE/PORQUE [ele trabalhou].

9.Os presos, como este, em um campo de concentração nazista perto de Linz, na Áustria, onde os presos trabalhavam em pedreiras até à exaustão total antes de serem mortos pelo guardas.

10. Blogueiros profissionais *trabalham até à exaustão*.

Dois eventos simples:

Os SNs trabalharam.

Os SNs ficaram exaustos.

Um evento complexo:

Os SNs ficaram exaustos[EP] porque[RS] eles trabalharam.[CE].

Um macro-evento:

Os SNs trabalharam até à exaustão. Em que:

Até a exaustão. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os SNs trabalharam. [CE - expressa a relação de CAUSA].

4. Verbo Treinar + Expressão até a exaustão

[sujeito exauriu-se] POR CAUSA DE/PORQUE [treinou].

11.Realizava também séries com repetições parciais, empiricamente, como hoje sabemos que muitos atletas treinaram até à exaustão [...].

Dois eventos simples:

Atletas treinaram.

Atletas ficaram exaustos.

Um evento complexo:

Os atletas ficaram exaustos[EP] porque[RS] treinaram.[CE].

Um macro - evento:

Os atletas treinaram até à exaustão. Em que:

Até a exaustão. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os atletas treinaram. [CE - expressa a relação de CAUSA].

5. Verbo emocionar + expressão até às lágrimas

[sujeito chorou] POR CAUSA DE/PORQUE [ele se emocionou].

12. Sebastião se emocionou até às lágrimas. Ele disse até que o Nosso senhor já tinha perdoado ele.

13. Certa vez ele emocionou-se até às lágrimas ao ouvir uma canção – lembrando sua juventude na França.

Dois eventos simples:

O SN se emocionou.

O SN chorou.

Um evento complexo:

O SN chorou [EP] porque [RS] ele se emocionou. [CE].

Um macro-evento:

O SN se emocionou até às lágrimas. Em que:

Até às lágrimas. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

O SN se emocionou. [CE - expressa a relação de CAUSA].

6. Verbo amar + expressão até à loucura

[sujeito enlouqueceu] POR CAUSA DE/PORQUE [ele amou].

14. Acontece de se amar [...] ele amou até à loucura uma mulher feia, por encantos que superam os encantos da beleza.

Dois eventos simples:

Ele amou uma mulher feia.

Ele enlouqueceu.

Um evento complexo:

Ele enlouqueceu [EP] porque [RS] ele amou (uma mulher feia). [CE]

Um macro-evento:

Ele amou até à loucura. Em que:

Até à loucura: [EP - exprime a mudança de estado].

Ele amou: [ES – a exprime relação de CAUSA].

7. Verbo queimar + expressão até às cinzas

[Sujeito reduziu-se A um ESTADO [SN] PORQUE [queimou]].

15. Mas as cartas tinham sido dispostas contra ela, e a casa sempre vencia. ... O livro queimou até às cinzas [...].

16. Os modelos de madeira queimaram até às cinzas em meia hora.

Dois eventos simples:

Os SNs queimaram.

Os SNs viraram cinzas.

Um evento complexo:

Os sujeitos viraram cinza [EP] porque [RS] eles queimaram [completamente] [CE]

Um macro-evento:

Os sujeitos queimaram até às cinzas. Em que:

Até às cinzas. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os sujeitos queimaram. [CE - expressa a relação de CAUSA].

8. Verbo ferver + expressão até virar [SN]

[Sujeito reduziu-se A um ESTADO [SN] PORQUE [ferveu]].

17. O abacaxi ferveu na panela até virar um xarope.

Dois eventos simples:

- a. O abacaxi ferveu.
- b. O abacaxi virou um xarope.

Um evento complexo:

O abacaxi virou um xarope [EP] porque [RS] ele ferveu (na panela) [CE].

Um macro-evento:

O abacaxi ferveu na panela até virar um xarope. Em que: Até virar um xarope. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

O abacaxi ferveu na panela. [CE - expressa a relação de CAUSA].

9. Verbo Cozinhar + expressão até virar [SN]

[Sujeito reduziu-se A um ESTADO [SN] PORQUE [cozinhou]].

18.A batata cozinhou no leite até virar um caldo grosso.

Dois eventos simples:

- a. A batata cozinhou [no leite].
- b. A batata virou um caldo grosso.

Um evento complexo:

A batata virou um caldo grosso [EP] porque [RS] cozinhou (no leite)[CE]

Um macro-evento:

A batata cozinhou até virar um caldo grosso. Em que: Até virar um caldo grosso. [EP- expressa a MUDANÇA DE ESTADO]

A batata cozinhou no leite. [CE- expressa a relação de CAUSA]

II Sentenças não agentivas – Relação de apoio: MODO

10. Verbo *definhar* + expressão até a morte.

[sujeito morreu] COM O MODO DE [ele definhou].

19. Não sei, depois que eu trouxe da loja [...], o peixinho *definhou até à morte* no meu aquário.

Dois eventos simples:

- a. O peixinho definhou.
- b. O peixinho morreu.

Um evento complexo:

O peixinho morreu no aquário, definhando.

Um macro-evento:

O peixinho definhou até à morte. Em que:

Até à morte. [EP - expressa a mudança de estado]

O peixinho definhou. [CE - expressa a relação de MODO]

20. Na época eu ainda usava filtro biológico de fundo, qual o resultado? Minha planta *definhou até à morte no vaso!* Uma pena.

Dois eventos simples:

- a. Minha planta definhou.
- b. Minha planta morreu.

Um evento complexo:

Minha planta morreu no vaso, definhando.

Um macro-evento:

Minha planta definhou até à morte, em que:

Até à morte. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

A minha planta definhou. [CE - expressa a relação de MODO].

21. Segundo ela, muitos já desistiram de lutar e alguns definharam até à morte após abandonarem suas terras.

Dois eventos simples:

- a. Alguns definharam.
- b. Alguns morreram.

Um evento complexo:

Alguns morreram após abandonarem suas terras,
definhando.

Um macro-evento:

Alguns definharam até à morte. Em que:

Até à morte [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Alguns definharam [CE - expressa a relação de MODO].

11. Verbo *estrebuchar* + expressão até a morte

[Sujeito morreu] COM O MODO DE [ele estrebuchou].

22. Beberrão **estrebuchou até a morte** com a faca no pescoço.

Dois eventos simples:

a. O beberrão estrebuchou.

b. O beberrão morreu.

Um evento complexo:

O beberrão morreu com a faca no pescoço, estrebuchando.

Um macro-evento:

O beberrão estrebuchou até à morte. Em que:

Até a morte. [EP - expressão a MUDANÇA DE
ESTADO].

O beberrão estrebuchou. [CE - expressa a relação de
MODO].

12. Verbo *sangrar* + expressão até a morte

[Sujeito morreu] COM O MODO DE [ele sangrou].

23. A jovem Ana Maria Sangrou até à morte durante o trabalho
de parto [...].

Dois eventos simples:

a. A jovem Ana Maria sangrou.

b. A jovem Ana Maria morreu.

Um evento complexo:

A jovem Ana Maria Morreu durante o parto, sangrando.

Um macro-evento:

A jovem Ana Maria sangrou até à morte. Em que:
 Até à morte. [EP- expressa a MUDANÇA DE ESTADO]
 A jovem Ana Maria sangrou. [CE- expressa a relação de

MODO]

24. Depois das 80 chibatadas a menina 'sangrou até morrer', dizem médicos.

Dois eventos simples:

- a. A menina sangrou.
- b. A menina morreu.

Um evento complexo:

A menina morreu depois das 80 chibatadas, sangrando.

Um macro-evento:

Depois das 80 chibatadas a menina sangrou até morrer. Em que:

Até morrer. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Depois das 80 chibatadas a menina sangrou. [CE - expressa a relação de MODO].

III Sentenças agentivas – Relação de CAUSA**13. Verbo *sufocar* SN + expressão *até a morte* de SN**

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE [Sujeito agente sufocou SN].

25. O laudo ainda não foi concluído, mas o legista que realizou o procedimento informou ao delegado que *a criança*, que nasceu de parto normal, *foi sufocada até à morte com uma frauda enrolada no pescoço*.

26. Ele foi condenado por *sufocar a namorada até à morte* após colocar uma camisa em sua boca.

27. Um cão sofre abusos [...] e é *Sufocado Até à morte* em Minas Gerais.

28. Irmã diz que pais utilizaram uma sacola plástica e *'sufocaram'* filha de 17 anos *até à morte*.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram sufocados.
- b. Os SNs morreram.

Um eventos complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram sufocados.

[CE]

Um macro-evento:

Os SNs foram sufocados até à morte. Em que:

Até a morte. [Expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os SNs foram sufocados. [CE - expressa a relação de CAUSA].

14. Verbo *espancar* SN + expressão até a morte de SN

[Sujeito Agente matou SN] PORQUE [Sujeito agente espancou SN].

29. Homem é *espancado até à morte* após roubar 3 latas de cerveja.

30. Marido *espanca mulher até à morte*.

31. Na sua defesa, Luciano disse que não teve participação no espancamento de Antônio e que *os menores é que espancaram até à morte o estudante*.

32. Bandido foi *espancado até à morte* em Belém Pará.

33. Bêbado é *espancado até a morte* em Almirante Tamandaré. De acordo com testemunhas, o homem foi retirado de um ônibus e *espancado até a morte*.

34. Foi o clima de insegurança que levou um grupo de moradores do conjunto a *espancar até à morte* um homem apanhado depois de roubar um celular.

35. Depois de reclamar com os parentes da menina, Janaína *foi espancada até à morte* por três mulheres em frente da mãe.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram espancados.
- b. Os SNs sujeitos morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque[RS] foram espancados.[CE]

Um macro-evento:

Os SNs foram espancados até à morte. Em que:
Até a morte. [EP- expressa a MUDANÇA DE ESTADO]
Os SNs foram espancados. [CE- expressa relação de CAUSA]

15. Verbo *estrangular* SN+ expressão *até a morte* de SN

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE
[Sujeito agente estrangulou SN].

36.Segundo os policiais, *o bebê foi estrangulado até à morte*, [...]

37. [...] finalmente confessou *ter estrangulado a menina até a morte*.

38.A professora Maria de Fátima L. B. da Silva de 42 anos, *foi estrangulada, até à morte* nesse domingo em sua residência localizada no [...].

39.Pai e Filho *foram estrangulados até à morte* por ser a religião errada. É incrível o que se vê hoje em dia, até mesmo por causa de religião, quanta selvageria.

40.Filha de policial militar, adolescente é estuprada e morta. *Menor, de 16 anos, foi estrangulada até à morte*.

41.Mulher de 40 anos *é estrangulada até à morte* pelo amante em Cariacica.

42.Vítima *foi estrangulada até à morte* no interior de sua residência por quatro homens que estavam armados.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram estrangulados.
- b. Os SNs morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram estrangulados.[CE]

Um macro-evento:

Os SNs foram estrangulados até à morte. Em que:
Até a morte [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].
Os SNs foram estrangulados. [CE- expressa a relação de CAUSA].

16. Verbo *linchar* SN+ expressão *até à morte* de SN.

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE
[Sujeito agente linchou SN].

43. *Homem é linchado até à morte* em festa na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

44. Os bandidos foram *linchados até à morte* após violentar e matar garoto de 13 anos em Pombos.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram linchados.
- b. Os SNs morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram linchados.[CE]

Um macro-evento:

Os SNs foram linchados até à morte. Em que:
Até à morte. [EP- expressa a MUDANÇA DE ESTADO]
Os SNs foram linchados. [CE- expressa a relação de CAUSA]

17. Verbo *surrar* SN + expressão *até a morte* de SN

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE
[Sujeito agente surrou SN].

45. Homem foi *surrado até à morte* em Cambé. Ele apresentava diversos ferimentos pela cabeça e também hipotermia.

46. SELVAGERIA: Imagens captadas por um telefone celular mostram cenas terríveis, onde *um assaltante é surrado até à morte*.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram surrados.
- b. Os SNs morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram surrados.
[CE].

Um macro-evento:

Os SNs foram surrados até a morte. Em que:
Até a morte. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].
Os SNs foram surrados. [CE - expressa a relação de
CAUSA].

18. Verbo *torturar* SN+ expressão *até a morte* de SN

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE
[Sujeito Agente torturou SN].

47. Nero *torturava* os cristãos *até à morte* no coliseu, esse era o espetáculo da época.

48. Um cachorro *foi torturado até à morte* em um conjunto habitacional em Caeté... no tapajos.

49. O ajudante do caminhoneiro *foi torturado até à morte*, na Região metropolitana. Os policiais dizem que pode ter sido por vingança.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram torturados.
- b. Os SNs morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram torturados.
[CE].

Um macro-evento:

Os SNs foram torturados até à morte. Em que:
Até à morte. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].
Os SNs foram torturados. [CE - expressa a relação de
CAUSA].

19. Verbo *agredir* SN+ expressão *até à morte* de SN

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE
[Sujeito agente agrediu SN].

50. João M. Fernandes foi *agredido até à morte* na última quarta-feira.

51. Câmera flagra baderneiros que *agrediram até à morte* torcedor do Cruzeiro.

52. Três investigadores da Polícia Civil e o filho de um deles são considerados foragidos da Justiça por *agredir até à morte* o preso Roberto Souza Duarte, 21, no sábado (14), em Porto Seguro (635 km ao sul de Salvador).

53. Na madrugada desta quinta um homem é *agredido até à morte*.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram agredidos.
- b. Os SNs morreram.

Um evento complexo:

Os SNs morreram [EP] porque [RS] foram agredidos. [CE]

Um macro-evento:

Os SNs foram agredidos até à morte. Em que:
Até à morte. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].
Os SNs foram agredidos. [CE - expressa a relação de
CAUSA].

20. Verbo *esfaquear* SN+ expressão *até a morte* de SN.

[Sujeito Agente matou SN] POR CAUSA/ PORQUE [Sujeito agente esfaqueou SN]

54. Uma mulher de 47 anos foi *esfaqueada até à morte*, no fim da noite da sexta-feira.

Dois eventos simples:

- a. Uma mulher de 47 anos foi esfaqueada.
- b. Uma mulher de 47 anos morreu.

Um evento complexo:

Um a mulher de 47 anos morreu [EP] porque [RS] foi esfaqueada. [CE].

Um macro-evento:

Uma mulher de 47 anos foi esfaqueada até à morte. Em que:

Até à morte. [EP - expressa a mudança de estado]

Uma mulher de 47 anos foi esfaqueada. [CE - expressa a relação de CAUSA]

21. Verbo *caçar* SN + expressão *até a extinção* de SN

[Agente extinguiu SN] POR CAUSA/ PORQUE [Sujeito agente caçou SN].

55. Orangotangos existiam [...] mas humanos (já na pré-história) os *caçaram até à extinção* no continente e nas ilhas; só restaram populações apenas em habitats de difícil acesso.

56. Animais silvestres foram *caçados até à extinção*.

57. Nativo da África do Sul, o *quagga* foi *caçado até à extinção* por sua pele e couro.

Dois eventos simples:

- a. Os SNs foram caçados.
- b. Os SNs foram extintos.

Um evento complexo:

Os SNs foram extintos [EP] porque [RS] eles foram caçados. [CE].

Um macro-evento:

Os SNs foram caçados até à extinção. Em que:
Até à extinção. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os SNs foram caçados. [CE - expressa a relação de CAUSA].

22. Verbo *queimar* SN+ expressão até às cinzas de SN

[Sujeito Agente reduziu SN a cinzas] porque [Sujeito agente queimou SN].

58.[...] Fahrenheit 451, a temperatura em que o papel queima. Postado em... *Nós queimamos o papel até às cinzas* e depois [...].

Dois eventos simples:

- a. Nós queimamos o papel.
- b. O papel virou cinzas.

Um evento complexo:

O papel virou cinza [EP] porque [RS] nós o queimamos. [CE].

Um macro-evento:

Nós queimamos o papel até às cinzas. Em que:
Até às cinzas [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Nós queimamos o papel. [CE - expressa a relação de CAUSA].

59.Quando os policiais chegaram *os traficantes já tinham queimado toda a droga até às cinzas...* acho que eles não queriam deixar vestígio... mas não adiantou... eles viram que era droga, sim.

Dois eventos simples:

- a. Os traficantes queimaram toda a droga.
- b. A droga virou cinzas.

Um evento complexo:

A droga virou cinza [EP] porque [RS] os assaltantes a queimaram. [CE].

Um macro-evento:

Os assaltantes queimaram toda a droga até às cinzas. Em que:

Até às cinzas. [EP – expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Os assaltantes queimaram toda a droga. [CE - expressa a relação de CAUSA].

23. Verbo *triturar* SN + expressão *até virar* SN

[Sujeito Agente reduziu sujeito paciente a SN] porque [Sujeito agente triturou SN]

60.No liquidificador [...], eu triturei a bolacha **até virar** uma farinha.

Dois eventos simples:

- a. Eu triturei a bolacha.
- b. A bolacha virou uma farinha.

Um evento complexo:

A bolacha virou uma farinha [EP] porque [RS] eu a triturei no liquidificador. [CE].

Um macro-evento:

Eu triturei a bolacha até virar uma farinha. Em que:
Até virar uma farinha. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Eu triturei a bolacha no liquidificador. [CE - expressa a relação de CAUSA].

61.Depois [...] ela triturou o quiabo até virar pó e colocou num vidro com álcool.

Dois eventos simples:

- a. Ela triturou o quiabo.
- b. O quiabo virou pó.

Um evento complexo:

O quiabo virou pó [EP] porque [RS] ela o triturou no liquidificador. [CE].

Um macro-evento:

Ela triturou o quiabo até virar pó. Em que:

Até virar pó. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Ela triturou o quiabo. [CE - expressa a relação de CAUSA].

62.[...] aí, a Yolanda triturou o sanduíche até virar uma pasta.

Dois eventos simples:

a. Yolanda triturou o sanduíche.

b. O sanduíche virou uma pasta.

Um evento complexo:

O sanduíche virou uma pasta [EP] porque [RS] foi triturado. [CE].

Um macro-evento:

Yolanda triturou sanduíche até virar uma pasta. Em que:

Até virar uma pasta. [EP - expressa a MUDANÇA DE ESTADO].

Yolanda triturou o sanduíche. [CE - expressa a relação de MODO].

24. Verbo *amassar* SN + expressão *até virar* SN

[Sujeito Agente reduziu sujeito paciente a SN] porque [Sujeito agente amassou SN]

63.Depois [...] amassei a azeitona e o alho até virar uma pasta.

Dois eventos simples:

a. Eu amassei a azeitona e o alho.

b. A azeitona e o alho viraram uma pasta.

Um evento complexo:

A azeitona e o alho viraram uma pasta [EP] porque [RS] foram amassados. [CE].

Um macro-evento:

Amassei a azeitona e o alho até virar uma pasta. Em que:
Até virar uma pasta. [EP - expressa a mudança de estado].
Amassei a azeitona e o alho. [CE - expressa a relação de causa].

Concluída a análise dos exemplos que constituem macro-eventos de mudança de estado, passa-se, agora à análise dos macro-eventos de REALIZAÇÃO.

4.2.2 O até na construção de macro-eventos de realização

Os exemplos analisados abaixo apresentam um tipo de evento de frame (EF) que expressa o CUMPRIMENTO (*fulfillment*) de uma intenção do agente num evento de REALIZAÇÃO. É um tipo de macro-evento em cujo padrão verbal o alvo da intenção do agente estende-se para além da ação desempenhada pelo verbo (ver 1.7.3). A questão, no entanto, é que o verbo em si não indica se a ação, que vai além dele, foi ou não realizada.

Neste padrão verbal, que Talmy chamou de Verbo de Realização discutível (*moot-fulfillment verb*), a semântica do verbo não deixa claro se a intenção da meta pretendida pelo agente foi alcançada ou não; assim, é somente a adição de um satélite de Realização (*fulfillment satellite*) que irá indicar que a meta foi efetivamente atingida. Portanto, pode-se dizer que neste tipo de macro-evento o agente pretende tanto a ação desempenhada pelo verbo, quanto o resultado da ação, que é informado pelo satélite.

Este é o caso em *The Police hunted the fugitive down*, em que o referente do verbo *hunt* consiste de uma atividade intencional do agente de *ir procurar e encontrar* uma determinada entidade particular, somada à intenção adicional de que esta atividade, de fato, leve à captura de tal entidade. No entanto, é só com a adição do satélite *down* que fica claro que a descoberta e a captura realmente foram realizadas.

Segue a análise dos exemplos:

I Sentenças agentivas⁴⁸

⁴⁸ Visto que o macro-evento de Realização envolve a *intenção de um Agente*, estas sentenças só se apresentam na forma Agentiva.

25. Verbo *perseguir* SN+ expressão *até a morte* de SN.

64.Usuário de drogas *é perseguido até à morte por bandidos* na região metropolitana de Fortaleza.

Dois eventos simples:

- a.Usuário de drogas é perseguido por bandidos.
- b.Usuário de drogas é morto por bandidos.

Um evento complexo:

Bandidos perseguem [CE] e [RC] matam usuário de drogas. [EP].

Um macro-evento:

Usuário de drogas é perseguido até à morte [por bandido].
Em que:

Até a morte. [EP- expressa a confirmação da intenção do agente]

Usuário de drogas é perseguido por bandidos. [CE- expressa a ação do agente para a confirmação da intenção de levar o sujeito paciente à morte]

26. Verbo *perseguir* SN + expressão *até a prisão* de SN.

65.[Mulher persegue suspeito de furto até a prisão.] De acordo com a Polícia Militar, a moradora reagiu perseguindo o suspeito até que ele fosse preso.

Dois eventos simples:

- a. Mulher persegue suspeito de furto.
- b. Mulher prende suspeito de furto.

Um evento complexo:

Mulher persegue suspeito de furto [CE] e [RC] o leva à prisão.[EP]

Um macro-evento:

Mulher persegue suspeito de furto até à prisão. Em que:
Até à prisão. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

Mulher persegue suspeito de furto. [CE - expressa a ação do agente para a confirmação da intenção de levar o sujeito paciente à prisão].

66.A polícia *perseguiu a quadrilha até à prisão de todos os elementos*, inclusive, do ‘papai’, como é conhecido o chefe do bando.

Dois eventos simples:

- a. A polícia perseguiu a quadrilha.
- b. A polícia prendeu a quadrilha.

Um evento complexo:

A polícia perseguiu [CE] e [RC] prendeu a quadrilha. [EP].

Um macro-evento:

A polícia perseguiu a quadrilha até à prisão. Em que: Até a prisão. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

A polícia perseguiu a quadrilha. [CE - expressa a ação do agente para a confirmação da intenção de levar o sujeito paciente à prisão].

27. Verbo *perseguir* SN+ expressão até a captura de SN.

67.[...] Até que nós chegássemos ao local muito íngreme, onde eles se esconderam, já teriam fugido. *Kate perseguiu os dois fugitivos até à captura* [...].

Dois eventos simples:

- a. Kate perseguiu os fugitivos.
- b. Kate capturou os fugitivos.

Um evento complexo:

Kate perseguiu [CE] e [RC] capturou os dois fugitivos. [EP].

Um macro-evento:

Kate perseguiu os dois fugitivos até à captura. Em que: Até a captura. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

Kate perseguiu os dois fugitivos. [CE - expressa ação do agente para a confirmação da intenção de capturar os fugitivos].

28. Verbo *julgar* SN + expressão *até a condenação* de SN.

68. Não tenham dúvidas sobre o que significa isso, [...] *todos os que confessaram estar envolvidos neste crime foram julgados até à condenação.*

Dois eventos simples:

- a. Todos os envolvidos neste crime foram julgados.
- b. Todos os envolvidos neste crime foram condenados.

Um evento complexo:

Todos os envolvidos neste crime foram julgados [CE] e [RC] foram condenados.[CE]

Um macro-evento:

Todos os envolvidos neste crime foram julgados até à condenação. Em que:

Até à condenação. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

Todos os envolvidos neste crime foram julgados. [CE - expressa a ação do agente para a confirmação da intenção de condenar o sujeito paciente].

29. VERBO *pechinchar* + expressão *até conseguir* SN

69. Ela é assim mesmo [...] ela Pechinchou, pechinhou até conseguir o melhor preço.

Dois eventos simples:

- a. Ela pechinhou.
- b. Ela conseguiu o melhor preço.

Um evento complexo:

Ela conseguiu o melhor preço [EP] porque [RS] ela pechinhou

Um macro-evento:

Ela pechinhou até conseguir o melhor preço. Em que:

Até conseguir o melhor preço. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

Ela pechinhou. [CE - expressa a ação do agente para realizar a intenção de conseguir um preço melhor].

30. VERBO *lutar* + expressão *até a classificação*

70. Parabéns ao time do São Paulo, lutou até à classificação.

Dois eventos simples:

a. O time do São Paulo lutou.

b. O time do São Paulo conseguiu a classificação.

Um evento complexo:

O time do São Paulo conseguiu a classificação [EP] porque [RS] lutou. [CE].

Um macro-evento:

O time do São Paulo lutou até à classificação. Em que:

Até à classificação. [EP - expressa a confirmação da intenção do agente].

O time do São Paulo lutou. [CE - expressa a ação do agente para realizar a intenção, que era chegar à classificação]

4.4 DISCUSSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

A análise apresentada acima leva-nos a perceber um uso bastante diferenciado daqueles tradicionalmente propostos para a palavra *até*. Os exemplos de (1) a (08) e de (25) a (54) são formados, respectivamente, pelos verbos engasgar, embebedar, sufocar, espancar, estrangular, linchar⁴⁹, surrar, torturar, agredir, esfaquear + o sintagma *até à morte*, e se constituem macro-eventos.

Esses, visto expressarem virtualmente um evento complexo, contêm em sua estrutura interna um evento principal e outro subordinado. Porém, conforme reza a teoria que embasa esta pesquisa, ao contrário do que se poderia esperar para uma língua românica, os verbos desses exemplos expressam o *evento subordinado*, que indica a CAUSA e não o *evento principal*.

⁴⁹ Nos exemplos que contêm este verbo, a expressão *até a morte*, que o segue, é considerada um satélite pleonástico (TALMY, 2000, p. 267) visto que linchar, por si só, significa executar, matar, assassinar.

Assim, nesses exemplos, é o adjunto “até à morte”, que representa a MUDANÇA DE ESTADO, que se comporta como o *evento principal, resultado* da ação expressa pelos verbos.

Nesse sentido, por exemplo, o verbo *espancar*, nas orações de (29) a (35), não expressa o *resultado* da ação de espancar. Este resultado só fica especificado com o acréscimo do adjunto *até à morte* que, nas palavras de Talmy (2000), deve ser interpretado como um satélite que expressa a informação principal do macro-evento, no caso, a MUDANÇA DE ESTADO, e, da mesma forma, ocorre em todos os outros exemplos, em que a MUDANÇA DE ESTADO - resultado da ação expressa pelo verbo - só é especificada com a adição do satélite “até à morte”.

O mesmo ocorre com os exemplos de (19) a (24), porém, nesses exemplos, os verbos *definhar*, *estrebuchar* e *sangrar*, que compõem o evento subordinado, indicam apenas o MODO em que a ação ocorreu; o evento principal, *resultado* da ação expressa pelo verbo, fica por conta do satélite ‘Até à morte’.

Os exemplos (09), (10) e (11), representam macro-eventos de mudança de estado, em que os verbos *trabalhar* e *treinar*, respectivamente, expressam o evento subordinado que expressa a CAUSA que levou ao evento principal expresso pela expressão “até à exaustão”. Em (12) e (13) o verbo *emocionar* indica que o sujeito sentiu emoção, comoção, no entanto, não especifica o resultado final do evento simples em que ocorreu a emoção, o que só é feito com a adição da expressão “até às lágrimas”, que se constitui como o evento principal do macro-evento, na expressão da mudança de estado.

No exemplo (14), a expressão *até a loucura* exprime a mudança de um estado de lucidez para um estado de loucura, informação principal do macro-evento. Assim, mais uma vez, a informação principal não está no verbo, já que *amar*, normalmente, não leva ninguém à loucura. O que o verbo *amar* informa é a CAUSA que levou à mudança de estado, essa, sim, expressa no evento principal.

Em (55), (56) e (57) é o adjunto *até a extinção* que especifica uma transição gradual de um estado de existência para um estado de não existência. Sendo assim, é o elemento que informa o conteúdo principal da proposição, visto que o verbo ‘caçar’, do evento secundário, pode ter associado a seu frame os sentidos de *perseguir* ou *procurar para prender*, no entanto, não indica a extinção dos animais.

Já nos exemplos (15), (16), (58) e (59), a propriedade alterada do objeto (sujeito paciente) é informada pela expressão nominal *até às*

cinzas, que indica a mudança de estado, evento de frame pretendido pela proposição. O verbo ‘queimar’ não significa necessariamente transformar em cinzas, visto que algo pode ser apenas parcialmente queimado. O mesmo ocorre nos exemplos (17), (18), (60), (61), (62) e (63), em que verbos do evento secundário *ferver*, *cozinhar*, *triturar e amassar*, não indicam o resultado do conteúdo semântico expresso por eles. Assim, *ferver*, por exemplo, que significa fazer ou entrar em ebulição, não expressa necessariamente que o ser afetado teve seu estado alterado. Assim, a mudança de estado, mais uma vez, só é indicada efetivamente por meio do satélite *Até virar*⁵⁰ *um xarope* que se constitui o evento principal deste macro-evento.

Em todos os exemplos acima analisados, fica confirmado que o evento principal, que indica uma mudança de estado, não é expresso pelo verbo, mas, sim, pelo sintagma introduzido pelo *até*; sintagma este, que, nas palavras de Talmy (2000, p. 240), é para ser entendido *as corresponding to a framing satellite*. Esses resultados vão ao encontro da argumentação de Broccias (2003)⁵¹, segundo a qual um sintagma não verbal, que não desempenhe o papel de sujeito nem de objeto, dentro da sentença, mas que expresse um estado ou circunstância adquirida por uma entidade A envolvida num evento E, é considerado um *sintagma de mudança*.

Já os exemplos (64), (65), (66) e (67) representam macro-eventos cujos eventos principais indicam o cumprimento de uma intenção do agente num evento de REALIZAÇÃO. No entanto, o verbo *perseguir*, presente nos exemplos, que significa *ir ao encalço, correr atrás com a intenção de pegar, tratar com hostilidade ou ainda impor punição* (Aulete Digital) não deixa claro se essa intenção expressa pelo verbo foi efetivamente confirmada. Assim, é a presença dos adjuntos *até a morte*, em (64), *Até a prisão*, em (65 e 66), e *até a captura* em (67) que garante que o agente concretizou a intenção pretendida pela ação de *perseguir*, desempenhada pelo verbo.

Em (68), o verbo *julgar*, cujo conteúdo semântico expressa a intenção de *decidir ou pronunciar sentença sobre réu*, tem seu resultado especificado pela adição do sintagma “até a condenação”, que constitui a informação principal do evento, isto é, aquela que confirma a intenção do agente. Finalmente, os verbos *pechinchar* (69) e *lutar* (70) estruturam o evento secundário do macro-evento, e ambos especificam uma ação

⁵⁰ Conforme citado anteriormente, estamos assumindo o INFINITIVO como uma forma nominal.

⁵¹ Ver seção 2.6.2

empreendida pelos agentes na busca pela realização de uma intenção, mas a confirmação efetiva dessa intenção só é possível por meio dos satélites *até conseguir o melhor preço*, em (69) e *até a classificação*, em (70), caracterizando-se como os eventos principais das proposições. Em todos esses exemplos, no domínio da REALIZAÇÃO, os verbos sozinhos referem-se a atividades não delimitadas, mas a adição dos *satélites de confirmação* introduzem um aspecto de delimitação aos eventos.

Concluída a análise, fica claro que em nenhum dos exemplos a informação principal é fornecida pelo verbo, característica esta esperada em um língua de frame no verbo. Ao contrário, em todos eles, a informação principal é dada por um satélite formado pelo *até + um substantivo*, ou ainda pelo *até + INFINITVO+SN*, característica típica de uma língua de frame no satélite. Assim, julgo ter confirmado a hipótese do trabalho de que, em alguns de seus usos, a preposição *até* funciona como um satélite na expressão da informação principal do macro-evento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi propor uma descrição gramatical para a palavra *até*, com base numa teoria de linha cognitiva. Primeiramente, teci algumas considerações sobre a linguística cognitiva, seu surgimento, seu foco teórico, porém, a ênfase mais detalhadamente ocorreu sobre como diferentes línguas expressam linguisticamente certos conteúdos conceituais. Para tanto, apresentei a teoria de Leonard Talmy, que estipula duas categorias tipológicas distintas para as línguas, conforme o padrão em que representam a informação principal dos chamados macro-eventos; uma língua VF expressa a informação principal do macro-evento no verbo, como é o caso do português. Por outro lado, uma língua SF expressa a informação principal num satélite; o inglês, como observado, é uma língua que apresenta este padrão.

No decorrer deste mesmo capítulo, no entanto, apresentei estudos (Kewitz, 2011, Croft et al. 2010, Aske, 1989), que advogam certa cautela quanto a se classificar as línguas dentro de um padrão tipológico único. Berman e Slobin partem do princípio de que as caracterizações tipológicas frequentemente refletem *tendências*, e que não há diferenças absolutas entre as línguas.

De fato, Aske (1989), baseado nos estudos que empreendeu, alega que o espanhol, apesar de considerada uma língua tipicamente VF, em muitas situações apresenta o padrão SF. E mais, como se observou, Kewitz (2011, p. 94) aponta exemplos que caracterizam o Português como pertencendo às duas categorias tipológicas, como em (33) *A pedra escorregou* colina abaixo, [SF] e (36) *A garrafa entrou* na gruta fluando, [VF]. Desse modo, então, caracterizou-se o português tanto como VF, quanto como SF.

Na revisão bibliográfica sobre as preposições, apresentei uma visão tanto sincrônica quanto diacrônica sobre essa classe de palavras, em especial sobre a preposição *até*. Quanto à origem do *até*, viu-se que é bastante controversa. Isso porque alguns apostam numa origem proveniente do árabe *hatta*, que se mostra a etimologia mais antiga e difundida; outros alegam que o *até* tem sua origem calcada forma *ad tenus*, do latim. Entretanto, Viaro (2011), baseado em pesquisas feitas em textos antigos, propõe também as formas *intra/intro*.

Seja como for, o certo é que, até o momento, é possível se especular como origem do *até* as formas *hatta*, *ad tenus* e *intra/intro*, sem que nenhuma delas seja estabelecida como definitiva.

No que tange à classificação, diferentes gramáticas tradicionais reconhecem os variados comportamentos de *até*, e o classificam como preposição, advérbio ou mesmo como partícula denotativa de inclusão. Autores como Cunha e Cintra são contrários à classificação de *até* como advérbio, uma vez que nesse uso o *até* não modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Assim, mostrou-se que o *até* recebe diferentes classificações morfológicas por parte das gramáticas tradicionais, sem que suas motivações sintático-semântico-pragmáticas sejam levadas em conta.

Nos estudos linguísticos, Ilari e Geraldi (1990) questionam, em alguns casos, o valor relacional das preposições, uma vez que nem sempre elas desempenham o papel de relator, e apresentam alguns usos de *até* com valor argumentativo, visto que, muitas vezes, essa partícula pode ser substituída por *até mesmo*, e admitem que, neste caso, o *até* funciona como advérbio.

Já em Ilari *et al.* (2008), há uma abordagem cognitivista para a classe das preposições, na qual os autores propõem que o espaço, o movimento, o trajeto e a ligação constituem esquemas imagéticos que os falantes utilizam para ter uma percepção de si mesmos e do ambiente que os rodeia. Dentro deste quadro, o *até* é classificado como uma preposição que ativa o *esquema de trajeto*, indicando o deslocamento de um elemento ao *limite final* de um destino.

Quanto à hipótese do trabalho, intentei ao longo da pesquisa demonstrar que a palavra *até*, em alguns casos, funciona como um satélite do verbo especificando-lhe o sentido. A análise de nossos dados permitiu verificar que o *até*, em vários exemplos, instancia situações bastante diferentes daquelas até então propostas tanto pelas GTs, quanto pelos estudos linguísticos. Foi o que se pôde verificar em exemplos como:

(23) A jovem Ana Maria Sangrou *até à morte* durante o trabalho de parto.

(49) O *ajudante do caminhoneiro* foi torturado *até à morte*, na Região metropolitana.

(56) Animais silvestres foram *caçados até à extinção*.

(67) Kate *perseguiu os dois fugitivos até à captura*.

Todos eles, conforme mostrado no decorrer do trabalho, de acordo com a teoria utilizada, constituem-se eventos complexos (evento principal + evento subordinado) que passaram por um processo de integração conceitual e, por isso, são expressos por uma única oração. São, portanto, conforme se apontou macro-eventos.

Em (23), (49) e (56), há macro-eventos de MUDANÇA DE ESTADO, em que um sujeito MUDA de um estado a outro; e em (67) tem-se um macro-evento de REALIZAÇÃO, em que há a confirmação da realização da intenção de um agente. Porém, o que os verbos indicam nesses exemplos, ao contrário do que se poderia esperar para uma língua VF, é o MODO, em (23) e a CAUSA, em (49), (56) e (67), que são os eventos secundários da proposição.

A informação principal de cada um, por sua vez, é fornecida pelos satélites *até à morte*, *até à extinção* e *até a captura*, respectivamente. Por isso, afirmo que o português, ainda que seja majoritariamente uma língua VF, que expressa a informação principal no verbo, pode assumir o padrão SF, segundo o qual a informação principal é veiculada por um *satélite*, assim como as línguas germânicas.

Com esse comportamento da língua portuguesa como língua de frame no satélite, importa que se reveja a tipologia proposta por Talmy, pois, assim como outros autores, posso seguramente reconhecer que as línguas não são uniformes quanto à construção da codificação dos eventos complexos.

Ainda, quanto aos exemplos que analisei, cabe aqui uma reflexão. Alguns podem objetar alegando que eles expressam limite final de tempo, nada mais. Entretanto, seria muito simplista aceitarmos tal objeção. Se, sintaticamente, expressões como a. *Trabalhei até às dez.* e b. *Trabalhei até à exaustão* são idênticas, semanticamente são um tanto diferentes. Dentro da presente proposta, concordo que em (a), a expressão *até às dez* realmente expressa um limite de tempo. No entanto, em (b), não há como negar que a expressão *até à exaustão* expressa o resultado da ação de *trabalhar*, ainda que prototipicamente haja uma relação com a dimensão espaço-temporal.

Não foi minha intenção ignorar as classificações que até então essa palavra tem recebido. Pretendi, na verdade, conforme proposto no objetivo principal, somar, oferecendo mais uma proposta de descrição, visto não ter conhecimento de propostas de classificação para os exemplos que se analisou neste trabalho, apesar de serem extremamente produtivos em nossa língua.

Com isso, quero prevenir que construções deste tipo não sejam incluídas na lista das exceções ou das curiosidades linguísticas, conforme alerta SUÁREZ (2010). Além disso, penso que desconsiderar este outro uso de *até* seria desconsiderar também a capacidade criativa do ser humano em relação à linguagem, e quando me refiro à capacidade

criativa do ser humano, não me refiro a fantasias individuais, mas sim, à criatividade como sinônimo de cognição.

Também em relação aos exemplos, uma questão que pode ter chamado a atenção do leitor é a presença muito frequente de os verbos serem seguidos pela expressão *até a morte*. Fato é que essas expressões realmente apareceram na maioria dos exemplos. Curiosamente, no inglês, como vimos, Talmy (2000) elabora um esquema separado para os exemplos com expressão TO DEATH, o que mostra que a ocorrência dessa expressão também é maior em inglês. O motivo da sobreposição dessa expressão sobre outras não foi investigado nesta pesquisa. Essa é uma limitação do presente trabalho que ficará, portanto, para estudo futuro.

Saliento ainda que, embora esta pesquisa tome como objeto somente a palavra *até*, acredito que estudos posteriores possam confirmar outros *itens-satélite*, que expressem a informação principal, no português brasileiro.

Por ora, concluo as considerações na esperança de ter contribuído um pouco mais com os trabalhos destinados ao estudo de nossa língua, e ter alcançado os objetivos propostos no início desta pesquisa.

No mais, muito obrigada e até...!

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- ARNAULD; LANCELOT. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ASKE, John. **Path predicates in English and Spanish**: A Closer Look. Proceedings of the Fifteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, p. 1-14, 1989.
- BARBOZA, Jeronymo Soares. **Grammatica philosophica**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1830.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.
- BROCCIAS, Cristiano. **The construal of constructions**: causal and temporal interpretations in change Constructions. Constructions SV1-4/2006. Disponível em: < www.broccias.net/research > Acesso em: 12 jul. 2012.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. **Introdução à linguística cognitiva**. Disponível em: <http://pedalinguagem.com.br/?page_id=189>. Acesso em: 08 out. 2011.
- CROFT, William and CRUSE, Alan, 2004. **Cognitive linguistics**. New York Cambridge University Press.
- CROFT, William et al. Revising Talmy's typological classification of complex event constructions. ScienceDirect, University of New Mexico, p. 1-31, 2010.

FARIA, Ernesto. **Gramática elementar da língua latina**. Primeira e segunda séries. 3 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

CUNHA, Celso Ferreira ; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. 1977a. **Scenes-and-frames semantics**. Linguistics structures processing (Fundamental Studies in Computer Science. 5 ed. Antonio Zampolli, 55-81. Amsterdam:North-Holland.

FODOR, Jerry Alan. 1975. **The language of thought**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

ILARI, Rodolfo *et al.* **A preposição**. In : NEVES, M.H.N. (Org.). Gramática do Português Falado. Vol. 2. Campinas: Unicamp, 2008.

ILARI, Rodolfo. GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.

KEWITZ, Verena. **A representação do movimento no português paulista**. In Filologia e linguística portuguesa, São Paulo, n.13(1), p. 89-125. Disponível em: <WWW.fflch.usp.br .Acesso em: 10 out. 2012.

MACEDO, Walmírio. **Elementos para uma estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1987.

MACHADO, Daniel. **Infinitivo**: Categoria Nominal ou Verbal? In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 10, 2012, Cascavel, PR. CORBARI, Alcione Tereza (Org.). **Anais...** Cascavel, [s.n.], 2012. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PEDERSEN, Johan. **The construction of macro-events: A typological Perspective.** Disponível em: <http://www.lexicom.es/drupal/people?q=biodatajohanpedersen>. Acesso em: 12 set. 2012.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como uma janela para a natureza humana.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008

SAMPAIO, Wany; SINHA, Vera da Silva.; SINHA, Chris. **Espaço e movimento em amondawa: Violando a tipologia.** Pesquisa & Criação, Porto Velho: PROPEX/EDUFRO, n. 4, p.130-136, ago. 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa. **Tradição gramatical e gramática tradicional.** São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA NETO, Serafim. **História da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SUÁREZ, Antônio Abreu. **Linguística cognitiva: Uma visão geral e aplicada.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics.** Vol. II: Typology and Process in Concepts Structuring. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000b.

_____. Entrevista. **Revista Ciência Hoje.** Vol. 46. N. 275 p. 8-11 out. 2010.

VIARO, Mário Eduardo. Em direção às origens. **Revista língua portuguesa.** N. 71, p. 54-57, set. 2011.

ANEXO A - Lista de verbos (de acordo com as definições do dicionário eletrônico aulete digital)

1. Engasgar - Causar ou ter engasgo, obstrução na garganta [td.] [int.];
2. Embebedar - Fazer ficar bêbedo (inclusive si mesmo); EMBRIAGAR. [td.];
3. Trabalhar - Exercer alguma atividade profissional [int.];
4. Treinar - Capacitar para uma atividade ou trabalho; ADESTRAR; HABILITAR. [td.];
5. Emocionar - Causar ou sentir emoção; COMOVER [td.] [int.];
6. Amar - Sentir amor ou ternura por; ter grande afeição por [td.];
7. Queimar - Aquecer ou cozinhar além da conta [td.] [int.];
8. Ferver - Produzir, fazer ou entrar em fervura ou ebulição (líquido). [td.] [int.];
9. Cozinhar - Preparar (alimento) submetendo-o à ação do fogo ou por outro processo (brasas, forno de micro-ondas etc.); COZER [td.] [int.];
10. Triturar - Reduzir a pequenos fragmentos, ou a pó [td];
11. Definhar - Tornar(-se) magro, enfraquecido, abatido. [td.] [int.];
12. Estrebuchar - Estremecer, contorcer-se ou sacudir-se convulsivamente [td],[int.];
13. Sangrar - Verter ou perder sangue. [int.];
14. Sufocar - Impedir a respiração de, ou tê-la impedida; ASFIXIAR(-SE) [td.] [int.];
15. Espancar - Dar pancada, surra em; SURRAR. [td];
16. Estrangular - Apertar o pescoço de (alguém ou si próprio) para impedir a respiração; ESGANAR; SUFOCAR. [td], [int.];
17. Executar (criminoso ou suspeito de crime) por ação coletiva e sem julgamento prévio. [td]
18. Surrar - Aplicar surra em (pessoa ou animal); BATER; ESPANCAR. [td];
19. Torturar – Martirizar físico, moral ou psicologicamente. [td];
20. Agredir - Atacar (alguém) fisicamente, praticar agressão contra [td.] [int.];
21. Desferir golpes de faca em. [td]
22. Caçar - Perseguir (animais silvestres) para prendê-los ou matá-los. [td.]; Perseguir ou procurar para prender. [td.];
23. Regar - Molhar por aspersão ou irrigação; AGUAR. [td.];
24. Perseguir - Ir ao encalço de; correr atrás de. [td];

25. Julgar - Decidir, na condição de juiz [int.]; Pronunciar sentença sobre réu [tdp.];
26. Pechinchar - Tentar comprar abaixo do preço; BARGANHAR; REGATEAR. [td.] [int./tr. + em];
27. Lutar - Travar ou praticar luta esportiva [tr. + com, contra] [td.] [int.] [tr. + por]; Trabalhar com afinco, para sobreviver ou obter compensações [int.] [tr. + por].